

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL (IACS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**A LEITURA NO CAMPO INFORMACIONAL BRASILEIRO:
a temática leitura nos trabalhos dos ENANCIB (1994-2013).**

RAQUEL SANTOS COSTA



**Niterói
Agosto de 2015**

RAQUEL SANTOS COSTA

A LEITURA NO CAMPO INFORMACIONAL BRASILEIRO:
a temática leitura nos trabalhos dos ENANCIB (1994 – 2013).

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração:

Dimensões contemporâneas da Informação e do Conhecimento.

Linha de Pesquisa 1:

Informação, Cultura e Sociedade.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Lídia Silva de Freitas

Niterói
Agosto de 2015

C 258 Costa, Raquel Santos.

A leitura no campo informacional brasileiro: a temática leitura nos trabalhos dos ENANCIB - 1994 a 2013 / Raquel Santos Costa. ____

Niterói : [s.n.], 2015.

88 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lídia Silva de Freitas.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, 2015.

1. Leitura. 2. Ciência da Informação. 3. Biblioteconomia. 4. Linguística. I. Freitas, Lídia Silva de. II. Universidade Federal Fluminense. Departamento de Ciência da Informação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. III. Título.

CDD 020

Autorizo, para fins acadêmicos, a reprodução parcial ou total desta Dissertação, desde que citada a fonte.

RAQUEL SANTOS COSTA

A LEITURA NO CAMPO INFORMACIONAL BRASILEIRO:
a temática leitura nos trabalhos dos ENANCIB (1994 – 2013).

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Dimensões Contemporâneas da Informação e do Conhecimento.

Linha de Pesquisa 1: CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SOCIEDADE

Aprovado em: ___ / ___ / _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Lídia Silva de Freitas (Orientadora)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof.^a Dr.^a Maria Nélide González de Gómez (Membro Interno)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Geraldo Moreira Prado (Membro Externo)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (IBICT)

Prof.^a Dr.^a Elisabete Gonçalves de Souza (Membro Suplente Interno)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

*À estimada Orientadora, Professora
Doutora Lídia Silva de Freitas, grande
Águia, de olhos certos, asas de
coragem, garras de convicção e direção
precisa rumo às constelações...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço e reverencio as constelações teóricas de verdadeiros Mestres que dedicaram ou dedicam suas vidas ao Conhecimento e ao Ensino: Ranganathan, Dahlberg, Lancaster, Saracevic, Frohmann, Burke, Foucault, González de Gómez, Paulo Freire, Robredo, Eni Orlandi, Marcos Miranda, Gilda Olinto, Marisa Russo, Geni Fernandes, Geraldo Prado, Alberto Calil, Isa Freire, Simone Weitzel, Nanci Nóbrega, Marcondes, Regina Cianconi, Elisabete Gonçalves, Lídia Freitas... A constelação é infinita...

Agradeço aos professores que formam o Corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI-UFF) pelo crescimento científico que nos propiciaram, ao Secretário Vitor e a todo o Corpo Técnico-Administrativo, membros importantes nos Programas e na Universidade.

À inesquecível Turma do PPGCI-2013: Angelina Pereira, Anna Beatriz Castro, Cláudia Curi, Christiane Cunha, Dayana Lemos, Dayanne da Silva, Elaine Passos, Fabiana Amaral, Fabiano Caruso, Laíse Rangel, Mauricio Maia, Nilson Theobald, Patricia Mota, Rodolfo Targino, Suzana Huguenin, e Ubirajara Costa.

Aos meus pais e à minha família, pelo incentivo de sempre, a todos os amigos e, principalmente, ao Eduardo Costa, Edissa Fragoso e Leizimar Gonçalves.

Aos companheiros de trabalho, pelas gentilezas e sorrisos.

Aos amigos do Horto do Fonseca, onde entro em contato com a natureza, revigorando-me, pedalando...

Aos Professores Doutores Maria Nélide González de Gómez, Geraldo Prado e Elisabete Gonçalves, pelas orientações construtivas na Qualificação e por aceitarem, agora, participar da minha Banca Examinadora na Apresentação de Dissertação, juntamente com o Professor Doutor Alberto Calil.

Em especial, agradeço à estimada Professora Doutora Lídia Silva de Freitas pela orientação precisa, por todo o amor, pelo conhecimento, pela excelência e competência no exercício profissional e pelo respeito ao aluno.

A convivência com a Professora Lídia Freitas fez-me crescer intelectual e pessoalmente e também aprendi a escolher melhor os “óculos culturais e ideológicos” para olhar “*vis a vis*” as provocações quotidianas.

“Somos assim: sonhamos o voo, mas tememos a altura. Para voar é preciso ter a coragem de enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece. O vazio é o espaço da liberdade, da ausência de certezas. Mas isso é o que tememos: o não ter certezas. Por isso, trocamos o voo pelas gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.”

*“Os Irmãos Karamazov”
(Fiódor Dostoievski)*

RESUMO

A questão principal desta pesquisa é verificar quantitativa e qualitativamente as abordagens da temática leitura pelo campo informacional brasileiro. O campo empírico designado é o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), da Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação (ANCIB). Dos Anais dos ENANCIB, foram selecionados os trabalhos que tratam da leitura observada com objetivo cultural. Nesses trabalhos foram identificados os fundamentos teórico-conceituais (visões) da leitura e posteriormente analisados pelo viés da produção de sentidos sob a luz da Linguística. Tal levantamento foi efetuado no repositório digital dos trabalhos dos ENANCIB (Benancib), relativo ao período de 1994 a 2013. Os resultados apontam para a necessidade de maior fundamentação teórica sobre a leitura pelos profissionais da informação.

Palavras-chave: Leitura. Ciência da Informação. Cultura.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to investigate the amplitude and the amount of reading that had been researched in the Brazilian informational field. The empirical field on focus is the Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), which is part of the Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). In the study developed, the cultural perspective has been selected. Theoretical and conceptual fundamentals (visions) observed in these works had been identified and later on analyzed according to the existing literature. The analysis have been performed in the digital repository of the ENANCIB works (BENANCIB), during the period 1994-2013. The results suggest a need for more theoretical reading studies by Information Workers.

Keywords: Reading. Information Science. Culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Frequência temática nos periódicos científicos nacionais, levantados nos campos 'título, 'resumo' e 'palavra-chave' da BASE BRAPCI, apresentados por categorias: Cultura X Econômico-gerencial – Perspectiva Histórico-Sociológicas Tradicional X Perspectiva Histórico-Sociológicas Emergente.....	19
Gráfico 2	Frequência relativa da temática leitura nos Anais dos ENANCIB (1994-2013)	20
Quadro 1	Trabalhos apresentados nos ENANCIB por ano e recuperados por <i>leit*</i>	24
Quadro 2	Total de trabalhos tratando a leitura com objetivo cultural	25
Quadro 3	Concepções de leitura	31
Quadro 4	Grupos de Trabalho (GT-ENANCIB) com suas respectivas temáticas e ementas	43
Quadro 5	ENANCIB 1994-2013: edições, anos, instituições, locais e temas	46
Quadro 6	Total de trabalhos apresentados anualmente nos ENANCIB	48
Gráfico 3	Autores citados no <i>corpus</i> para a análise	48
Gráfico 4	Leitura com o objetivo cultural e os respectivos espaços institucionais em que são tratadas nos trabalhos dos ENANCIB	49
Gráfico 5	Total anual dos trabalhos apresentados nos ENANCIB (1994-2013) em relação aos trabalhos sobre a leitura com o objetivo cultural	50
Gráfico 6	Percentual dos trabalhos sobre a leitura com o objetivo cultural apresentados anualmente nos ENANCIB (1994-2013)	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	22
3	MARCO TEÓRICO CONCEITUAL	27
4	MARCO EMPÍRICO	41
5	RESULTADOS E ANÁLISES	50
5.1	RESULTADOS QUANTITATIVOS	50
5.2	RESULTADOS QUALITATIVOS	52
6	CONCLUSÃO	84
7	REFERÊNCIAS	86

1 INTRODUÇÃO

“Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nos que deverei pronunciar aqui talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível...”

(Foucault, 1970, p. 10)

A presente pesquisa tem como tema global as concepções de leitura praticadas no campo informacional brasileiro, aqui compreendendo as áreas de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Arquivologia. Para entender a relação que esse campo estabelece com o tema da leitura, o espaço destinado às questões sobre esse tema e o atual papel da leitura nesta área de estudo, elegemos como marco empírico desta pesquisa o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) que, atualmente, representa o principal evento acadêmico-científico do campo informacional no país, promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

A leitura, em uma perspectiva pessoal, faz parte do meu universo desde a primeira infância. Percorro as memórias afetivas e recordo a minha mãe contando histórias, assim como a professora por quem fui alfabetizada, e as escolas públicas onde estudei desenvolveram atividades com a leitura que contribuíram para a minha formação pessoal, intelectual, profissional e como cidadã brasileira.

Quando estava finalizando o Ensino Médio, a orientadora educacional mostrou aos alunos o Guia de Cursos oferecidos pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Ao ler a ementa do Curso de Biblioteconomia e Documentação, pressupus que teria vocação para ser bibliotecária. Hoje reconheço que a Biblioteconomia foi uma das melhores escolhas da minha vida, e foi também na UFF que realizei a Especialização em Literatura Infantojuvenil. Considero importante mencionar a filiação institucional, pois, em grande parte, essa filiação contribuiu para a formação teórica do pesquisador.

A leitura é a minha principal ferramenta de trabalho. Trata-se de um objeto de estudo relevante, de interesse particular e profissional, sobretudo, pois sou

Bibliotecária Documentalista em uma Biblioteca Universitária e Professora do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Logo, tenho uma relação de proximidade com a leitura e com a biblioteca, as quais compõem os pilares do meu contexto profissional e social, proporcionando-me bagagem teórica e crescimento, assim como momentos de reflexão, conforto, prazer e, fundamentalmente, contribuem para a firme estruturação dos “poderosos laços sociais” nos quais pude desenvolver meus conhecimentos e “sentimentos de confiança e cooperação mútua,” reconhecidos por Douglas (1998, p.10). Considero que leitura e escrita caminham juntas, e a escuta está muito próxima às duas. “Escutar, olhar, ler, de modo singular, é (per)seguir os fios de nossos sonhos, a trama de nossos prazeres, a elaboração de nossos pensamentos, o caminho tortuoso de nossos desejos...” (CORACINI, 2005, p. 25).

A partir de agora, soltarei o fio da minha história pessoal para tecer o objeto de estudo desta pesquisa, que é a leitura no campo informacional brasileiro, no âmbito da área do conhecimento que envolve eminentemente processos históricos, práticas sociais com e através de objetos textuais, ao lado de questões relacionadas ao acesso à informação e à cultura: a Ciência da Informação.

Consideramos que esta pesquisa tem relevância sociocultural e científica. Quanto aos fatores socioculturais, percebemos que as reflexões sobre a leitura podem fomentar o estudo e o desenvolvimento das práticas leitoras por parte dos profissionais da informação. Em se tratando da relevância científica, trata-se de uma contribuição teórica e conceitual para a Ciência da Informação. E também, essa investigação está diretamente relacionada à Linha de Pesquisa I - *Informação, Cultura e Sociedade*, inserida na grande *Área Dimensões Contemporâneas da Informação e do Conhecimento*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI-UFF). A Linha de Pesquisa I trata, dentre outros aspectos relacionados à informação, dos desdobramentos histórico-epistemológicos que envolvem a “constituição sócio histórica do campo informal e suas transformações.”¹

A Ciência da Informação é uma Ciência Social Aplicada. Surgiu, de acordo com González de Gómez (2000), em um momento de “transformações das sociedades contemporâneas que passaram a considerar o conhecimento, a

¹<<http://www.ci.uff.br/ppgci/index.php/linhas-de-pesquisa>>

comunicação, os sistemas de significação e os usos da linguagem como objetos de pesquisa científica,” tendo a informação como principal objeto de estudo. Esta informação é entrelaçada pela leitura e determinada por circunstâncias socio-históricas, econômicas, objetivos institucionais e pela motivação dos atores sociais, não estando isenta das relações políticas. Podemos perceber algumas dessas camadas ou estratos quando observamos as ações de informação elucidadas por González de Gómez (1999, p.8). Para a autora, “as ações de informação são seletivas, implicam na agregação e desagregação de valor de informação e pressupõem uma relação de poder,” os traços políticos estão entranhados, presentes “no âmago da emergência de conteúdos, ações, tecnologias, produtos e serviços de informação.” Podemos observar essas relações de poder também envolvidas na leitura, que é um objeto de estudo passível de inter-relações históricas, culturais e políticas.

Nesta pesquisa, consideramos que a leitura esteja inserida nas visões ou correntes epistemológicas da Ciência da Informação, verificadas e analisadas por três autores: Biger Hjørland (1968), Rafael Capurro (2003) e Geni Fernandes (2006). Compreendemos a leitura em uma perspectiva mais próxima ao paradigma social de Capurro (2003), que aborda “os condicionamentos sociais e materiais do existir humano”, ou seja, a apreciação de que o indivíduo e sua cultura são constituídos socialmente. Este pensamento coparticipa da abordagem construtivista social abordada por Fernandes (2006), em que as visões de mundo do sujeito também são construídas socialmente e o “reconhecimento e ‘uso’ da informação [representam] um processo cognitivo”. Essa mesma autora percebe a interdisciplinaridade como constitutiva da Ciência da informação, e no entendimento de uma de suas subdivisões, essa ciência pode “integrar teorias, métodos e conceitos oriundos das ciências sociais, humanas e filosofia, além da linguística”, sem os quais seriam inassimiláveis os fenômenos centrais da Ciência da Informação (FERNANDES, 2006, p. 21).

O paradigma social de Capurro (2003) e a abordagem construtivista social em Fernandes (2006), constroem uma vizinhança epistêmica à perspectiva ao historicismo de Hjørland (1998). De acordo com este autor,

o historicismo aceita a ideia de que as nossas experiências são influenciadas por fatores culturais, e a percepção e o pensamento são sempre influenciados por nossa linguagem, cultura, conhecimentos prévios e perspectivas. (HJORLAND, 1998, p. 608. Tradução nossa)

A leitura faz-se presente quando tratamos da linguagem, a qual envolve as nossas experiências e perspectivas materializadas nas múltiplas formas de expressão, quer seja na forma escrita, oral, pictórica ou imagética. A linguagem transcende os parâmetros formalizados pelas instituições que, por sua vez, compreendem as organizações facultando-lhes a legitimidade. “Para além do conjunto de meios que caracterizam uma organização, é importante identificar uma instituição, definida por um conjunto e práticas finalizadas, com suas normas e regras”, conforme nos diz Costa (1997, p. 51) em sua tese sobre memória institucional. Ainda em se tratando de regras, percebemos que a linguagem e, por conseguinte a leitura, articulam-se a um regime de informação que “resulta de e condiciona diferentes modos de configuração de uma ordem sociocultural e política” e, quanto às práticas de leitura, o conceito regime de informação pode ser uma “ferramenta interessante para situar e analisar as relações de uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica das ações, meios e efeitos de informação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 43-44)

Concebemos que a leitura é uma prática social, cultural e histórica e, nesta pesquisa, o nosso interesse é voltado para os textos que abordam a temática da leitura com objetivo ou sob um viés cultural, e não sob a ótica do processamento técnico, tão presente em nossa área. Segundo Cunha (1990, p.58), podemos caracterizar a leitura nomeada ‘documentária’ ou ‘técnica’ como “conjunto de procedimentos efetuados com fim de expressar o conteúdo dos documentos sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação”. Em nossa abordagem tal atividade é certamente cultural e não isenta de interpretação. Mas, além de já ter sido objeto de análise conceitual em pesquisa anterior², nosso interesse é a leitura objeto de políticas culturais e como análise da produção de sentidos presentes na educação, na ciência, nas instituições profissionais, no lazer e na literatura.

²NUNES, Luiza Pereira. **A Leitura Documentária no campo informacional brasileiro**. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel) - Curso de Biblioteconomia e Documentação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

Esse é o objeto do qual tratamos ao verificar as concepções presentes nos Anais dos ENANCIB. Vejamos um exemplo da leitura abordada em nossos estudos, em uma citação destacada de uma comunicação oral apresentada no XI ENANCIB:

[...] gestos de leitura não podem ser apreendidos da mesma forma por diferentes sujeitos, não são homogêneos posto que o sentido não advém do texto, sendo assim, concordamos com a teoria discursiva que desloca o gesto de ler como decodificação para outro lugar, a saber, gestos de construção de sentidos. (2010, p. 3)

É no entremeio dessas diversas “vozes” que buscamos flagrar, à luz da Análise do Discurso de linha francesa, os modos de como os sujeitos esboçam seus gestos de leitura e de interpretação, como produzem sentidos sobre sua posição de errância no espaço físico e na significação do lido e, por fim, como constroem seus percursos de sentidos, sempre múltiplos. (2010, p. 8)

Sujeito, texto e contexto estão envolvidos em uma vasta teia de sentidos. Dumont (2002) reconhece essa gama de sentidos e demonstra os prolongamentos da leitura, assim como as variações inerentes a essa temática. Para a autora, existe uma pluralidade de elementos na análise do ato da leitura, imprescindíveis quando desejamos fazer uma abordagem teórica, a qual

não se efetiva em ações isoladas, nem mesmo lineares, mas sim em decorrência de complexa reação em cadeia de ações, desejos, especulações na bagagem de conhecimentos armazenados, motivações, análises, críticas do leitor. A leitura é uma experiência e encontra-se submetida a diversas variáveis que não podem deixar de ser verificadas, ao se tentar teorizá-las. (DUMONT, 2002, p. 2)

Dumont (2006) também explora os estudos sobre a temática da leitura no campo informacional e sugere que esses estudos precisariam ser mais aprofundados. Em consonância com esse pensamento, também reconhecemos que a leitura requer maior investigação por parte da Ciência da Informação. Exemplificando, vemos que

[...] desde seus primórdios, biblioteconomia e ciência da informação sempre se preocuparam – evidentemente com as nuances da época – com as necessidades de informação do sujeito pela sua própria ótica, pela sua forma específica de consumir e usar informação. [...] Sabe-se que o desenvolvimento da ação de leitura é extremamente complexo, que não depende só do saber decifrar símbolos, do querer educar ou usufruir de textos literários. Estão em jogo vários e diversos fatores e dentre eles destacam-se três: *motivação*, *contexto*, e historicidade do leitor e o *sentido* dado a cada palavra pelo autor e, posteriormente, pela leitura do leitor. (DUMONT, 2006, p.1-2)

A leitura pode configurar-se uma teia que envolve a aquisição de novos conhecimentos, uma prática de cunho humanista³ e também um elo entre a cultura e a história. E a cada momento histórico surgem inúmeras possibilidades de leitura, quer seja para a democratização da informação, para o desenvolvimento cultural, ou para o crescimento intelectual e profissional, em se tratando das sociedades letradas. Sendo assim, nesta pesquisa, concordamos e adotamos o conceito de leitura de Eni Orlandi (1996), numa abordagem discursiva em que:

A leitura é um ato cultural em seu sentido amplo, que não se esgota na educação formal tal como esta tem sido definida. Deve-se considerar a **relação entre o leitor e o conhecimento**, assim como sua **reflexão** sobre o mundo. (ORLANDI, 1996, p. 210. Grifos nossos)

Na interação e na reflexão sobre o mundo, que são da ordem do social e da história, de acordo com Pêcheux (1995, p.160),

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe em "si mesmo" (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo socio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

A cultura, nesta pesquisa, é entendida como um processo social que advém de experiências históricas: os valores, as crenças, os costumes adquiridos, aprendidos e reproduzidos pelos membros de uma sociedade humana, assim como as práticas que constroem uma determinada maneira de viver de um grupo. Seguindo este entendimento, fazemos nosso o conceito de cultura de Clifford Geertz (1989) em que na interpretação das culturas, não estabelece padronizações, mas diferentes conceitos para esse tema. Contudo, Geertz (1989) reconhece a necessidade de uma coerência interna entre os argumentos que sustentem um conceito de cultura e, inspirado na filosofia Weberiana⁴, acredita,

³ É interessante destacar o Juramento do Bibliotecário: "Prometo tudo fazer para preservar o cunho liberal e humanista da profissão de Bibliotecário, fundamentado na liberdade de investigação científica e na dignidade da pessoa humana". Resolução CFB nº006, de 13 de julho de 1966. <<http://www.cfb.org.br/institucional>>.

⁴ Max Weber (1864-1920), filósofo alemão, sociólogo e estudioso da sociedade contemporânea.

como Max Weber, que o homem é um animal amarrado às **teias de significados** que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas **teias e a sua análise**; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência **interpretativa**, à procura do **significado**. (GEERTZ, 1989, p. 15. Grifo nosso)

As teorias que priorizam os aspectos culturais e econômicos se relacionam às formas de produção e reprodução da sociedade. A 'informação', como a entendemos hoje, se faz presente desde o início da organização dos mercados até as informações estratégicas na indústria, nos governos e nas instituições, de acordo com Tauile (1981, p. [90]). Observamos também uma conexão discursiva entre as transformações econômicas e o advento e a propagação das novas tecnologias de comunicação e informação, e os novos padrões organizacionais e institucionais que a elas se correlacionam.

Geralmente, as transformações culturais, socioeconômicas e políticas produzem mudanças no comportamento, na atuação e nas perspectivas dos profissionais. Quanto aos profissionais da Informação, é necessário que dominem as tecnologias e se mantenham atentos à premissa de que o acesso aos bens culturais é um direito do cidadão e que a leitura em nossa sociedade letrada constitui-se um direito fundamental. Para Foskett (1980), ao referir-se às tecnologias e à natureza do profissional da Informação, faz-se necessária uma atualização de pontos de vista em relação à atividade desenvolvida, e o movimento das profissões, que renovam ou reafirmam conceitos e práticas, considerando que é profícuo a uma profissão,

de tempos em tempos, mudar seus pontos de vista sobre a **natureza e âmbito de suas atividades**; como profissional, deve estar alerta ao significado das novas ideias, pronta e desejosa de incorporá-las em seu programa de ensino. Mas, como profissão, tem também o dever de preservar sua integridade, não para seu próprio bem, mas porque a **integridade de uma profissão é a sua forma mais elevada de preservar aqueles a quem a profissão serve**. (FOSKETT, 1980, p. 54. Grifo nosso)

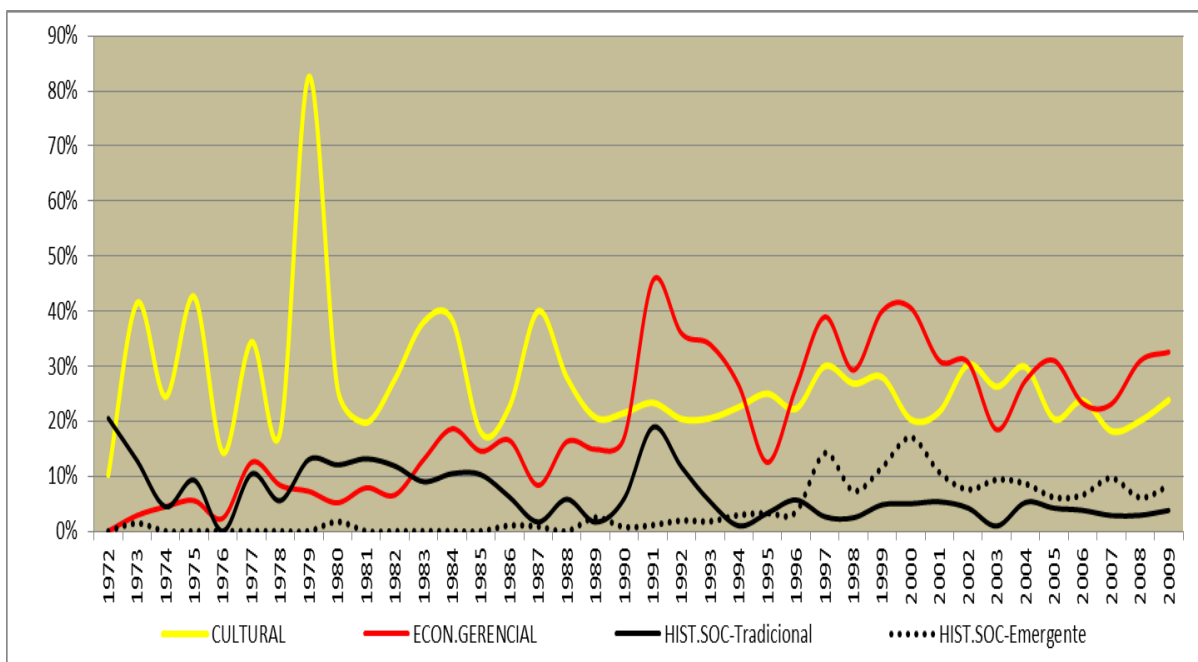
A natureza das profissões, assim como as práticas profissionais, deve manter seu fulcro ainda que se lancem em busca de inovações.

Segundo Freitas (2001), a partir da década de 90, a noção de sociedade da informação ascendeu nos discursos da área da Ciência da Informação, mudando o foco de objetos culturais, por exemplo, *bibliotecas, leitura/leitor*, em direção a

temáticas econômico-gerenciais, *organização e gestão do conhecimento, economia da informação*, em um momento denominado sociedade da informação.

No auge deste movimento, mesmo a “abordagem cultural dominante [demonstra uma] ênfase no econômico, como, as pesquisas ligadas à noção de inteligência competitiva, gestão do conhecimento, etc.” (FREITAS, 2001, p. 42). Conforme o gráfico abaixo, vemos as temáticas econômico gerenciais crescerem com as novas perspectivas histórico sociológicas, especialmente aquela representada pela noção de sociedade da informação. Nele também vemos o decréscimo das temáticas culturais junto ao descenso da perspectiva histórico sociológica anterior, fortemente representada pelo discurso do desenvolvimentismo⁵.

Gráfico 1: Frequência temática nos periódicos científicos nacionais, levantados nos campos ‘título’, ‘resumo’ e ‘palavras-chave’ da BASE BRAPCI, apresentados por categorias: Cultura X Econômico-gerencial – Perspectivas Histórico-Sociológicas Tradicional X Perspectiva Histórico-Sociológicas Emergente

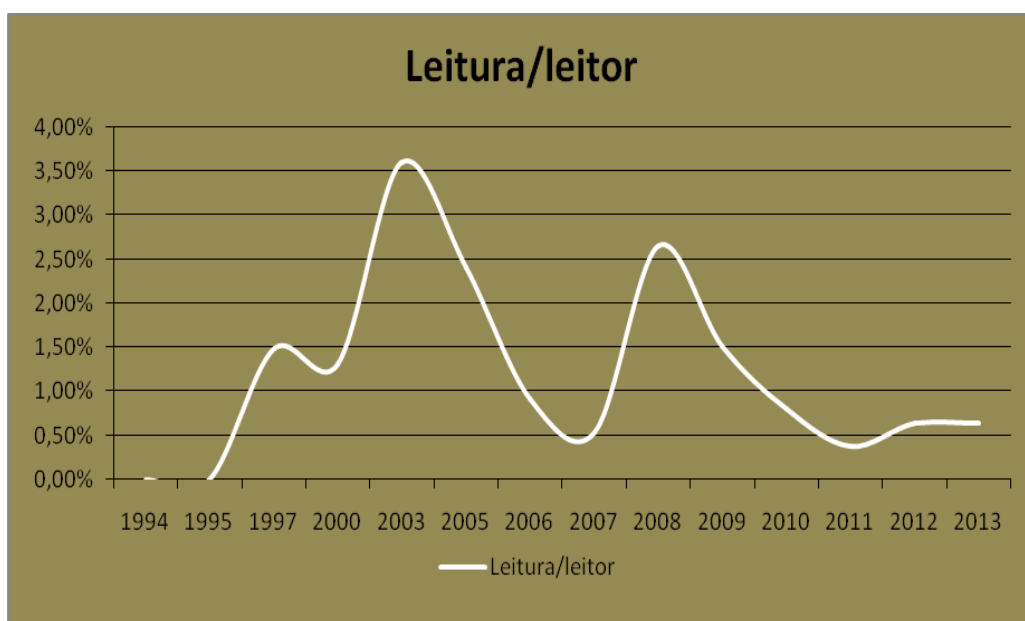


Fonte: FREITAS et al, 2012.

⁵O discurso desenvolvimentista ou suas marcas textuais aparenta um sentido de progresso contínuo da humanidade, no entanto, fortemente relacionado às “propostas de intervenções políticas”, ou seja, *planejamento* com bases em “análises de processo econômicos internos e internacionais”. (FREITAS et al, 2012, p. 5). Segundo Freitas, esse discurso, apesar de envolver aspectos discursivos do evolucionismo cultural, claramente ainda mobilizava interesses coletivos, e não privados, como os discursos dos “novos tempos” (FREITAS, 2001).

Observamos também oscilações na temática da leitura na perspectiva cultural que aqui nos interessa nos ENANCIB, conforme demonstramos no gráfico 2.

Gráfico 2: Frequência relativa da temática leitura nos Anais dos ENANCIB 1994-2013.



Fonte: Programa PIBIC até o ano de 2010 e contagem da autora até 2013.

Esse contexto provoca inquietações ao observarmos os baixos percentuais em 2010 (0,79%), 2011 (0,38%) e 2012 e 2013 (0,63%). E verificamos, então, que por quatro anos sucessivos a leitura com objetivo cultural não atingiu um por cento do total anual de trabalhos. Essa constatação aumenta o nosso interesse em querer investigar e analisar o atual quadro da produção científica dessa temática. Então, desponta a questão desta pesquisa que é: **com que frequência e sob que perspectiva teórica o campo informacional vem tratando as questões da leitura?** E escolhemos como campo empírico para respondê-la, as pesquisas disseminadas especialmente no seu segmento de ponta e de excelência científica: **os trabalhos apresentados nos ENANCIB.**

Para buscar respostas a este questionamento, o **objetivo geral** da pesquisa é conhecer a frequência da temática leitura na produção científica do campo informacional brasileiro e como este campo vem abordando conceitual e

teoricamente esta temática nos ENANCIB. Para tanto, traçamos os **objetivos específicos**:

- ✓ evidenciar a frequência histórica da temática leitura nos ENANCIB;
- ✓ sistematizar as principais visões de leitura para posterior análise das abordagens dos textos da amostra; e
- ✓ observar as linhas teóricas das abordagens da leitura presentes nos ENANCIB no período de 1994 a 2013.

Para a análise do nosso *corpus*, recorreremos aos estudos da Linguística. Iniciamos nossos estudos com as linguistas: Maria José Coracini, Ingedore Koch e Vanda Elias e Eni Orlandi, na busca de uma categorização dos conceitos de leitura que a contemplassem através dos processos de produção dos sentidos. Optamos por adotar a sistematização das visões de leitura elaborada por Eni Orlandi, conforme explanação em nosso marco teórico-conceitual e, através de sua categorização, realizamos a análise das concepções presentes em nosso *corpus* de estudo, com resultados que apontam para novas inquietações.

Nos capítulos seguintes apresentaremos a metodologia, o marco histórico-conceitual e o marco empírico do nosso objeto de estudo. Em seguida, faremos a exposição dos resultados, subdivididos em quantitativos e qualitativos e suas respectivas análises, assim como a nossa conclusão e as referências bibliográficas desta pesquisa, seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

2 METODOLOGIA

“O conhecimento científico se produz pela busca de articulação entre teoria e realidade empírica.”

(Minayo, 2010, p. 54)

A pesquisa produz o conhecimento científico. Afere uma atitude, assim como “prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.” (MINAYO, 2010, p. 56)

Conforme expusemos em nosso objetivo geral, a presente pesquisa busca conhecer a frequência da temática leitura na produção científica do campo informacional brasileiro, e como este campo vem abordando, conceitual e teoricamente, esta temática nos ENANCIB.

Do ponto de vista da abordagem do problema, esta pesquisa pode ser definida como inserida nas categorias quantitativas e qualitativas. A aplicação dos métodos quantitativos e qualitativos “faz com que a análise conjunta seja mais complexa e integrada” (ABRAMOVAY, 2010, p.33), pois considera simultaneamente e investiga as relações e contradições entre os dados numéricos e o pensamento dos atores, quer estejam expressos pela escrita ou pela fala.

Estabelecemos inicialmente duas etapas: a seleção dos trabalhos que versam sobre a temática da leitura por seu viés cultural e a análise das concepções de leitura encontradas nos textos.

Primeiramente desenvolvemos a abordagem quantitativa considerando que o “uso de métodos quantitativos tem o objetivo de trazer à luz dados, indicadores e tendências observáveis”, de acordo com Minayo (2010, p.56). Esse levantamento permitiu representar, em números, o quanto o campo informacional está tratando do tema leitura. Os números também puderam evidenciar a representatividade da leitura neste respectivo campo.

Seguindo o pensamento de Minayo (2010, p. 62), a abordagem qualitativa propicia a construção de novas análises e “reconhece a complexidade do objeto das ciências sociais, teoriza, revê criticamente o conhecimento acumulado sobre o tema em pauta, estabelece conceitos e categorias... [e repudia] o discurso ingênuo ou

malicioso da neutralidade”. Essa neutralidade é um assunto que veremos posteriormente, e a análise dos dados foi realizada sob a luz da sistematização das concepções de leitura elaborada por Eni Orlandi, conforme explicitado em nosso marco teórico-conceitual.

Quanto ao campo empírico, escolhemos o ENANCIB, pois esse evento se vem apresentando como o mais importante congresso acadêmico-científico do campo informacional brasileiro. O *corpus* de estudo foi extraído dos artigos, comunicações científicas e pôsteres sobre leitura com objetivo cultural apresentados nos Anais dos ENANCIB.

Iniciamos o mapeamento do campo empírico, utilizando como instrumento de busca o repositório digital BENANCIB (com *link* na página inicial do portal da ANCIB)⁶. Escolhemos como “escopo da busca” a “*busca avançada*”, como “tipo de busca” o “*texto completo*” e o “*ano do evento*”. Optamos por buscar pelo termo *leit** porque este radical faz a varredura em todas as declinações da palavra leitura(s), leitor(es) e leitora(s), conforme Quadro 1 a seguir, mas também pode recuperar palavras que desprezamos, por exemplo, um autor com o sobrenome “Leite”.

⁶Site da ANCIB: <www.ancib.org.br>

Quadro 1: Trabalhos apresentados no ENANCIB por ano e recuperados por *leit**

Ano	Total de trabalhos por ano	Total recuperado por <i>leit*</i>	Total de trabalhos citando “leitura” e suas declinações
1994	23	6	1
1995	56	7	3
1997	135	15	9
2000	254	28	12
2003	140	73	21
2005	126	66	20
2006	108	61	8
2007	188	106	10
2008	151	91	20
2009	199	118	18
2010	254	145	20
2011	266	152	26
2012	317	187	29
2013	318	164	25
Total	2.535	1.219	222

Fonte: Autoria própria.

A próxima etapa foi uma filtragem, através da “*leitura direta dos trabalhos*”, destacando duzentos e vinte e dois trabalhos. Em seguida, fizemos nova filtragem também por meio da “*leitura direta*” e selecionamos vinte e oito trabalhos que tratavam da leitura com o objetivo cultural, conforme nos ilustra o quadro a seguir.

Quadro 2: Total de trabalhos tratando a leitura com objetivo cultural

Total de trabalhos citando “leitura” e suas declinações	Total de trabalhos sobre leitura com o foco cultural
1	0
3	0
9	1
12	3
21	7
20	2
8	1
10	1
20	4
18	3
20	1
26	1
29	2
25	2
222	28

Fonte: Autoria própria

Não foram considerados textos que tratavam da leitura em outros aspectos, como por exemplo: “A arquitetura da informação para **leitores** de e-books” e, em seguida, destacamos as citações que evidenciavam ou indicavam as abordagens teóricas da leitura arroladas nos textos e que constituem o *corpus* de estudo da pesquisa.

Em prosseguimento, fizemos um estudo sobre a Linguística e suas vertentes, um aprofundamento teórico necessário sobre a leitura e a produção de sentidos, para que pudéssemos analisar as abordagens de leitura presentes no *corpus* de estudo. Após o aprofundamento teórico, retornamos ao *corpus* para analisá-lo com respaldo na literatura. Após três estudos sobre visões de leitura, selecionamos a categorização das concepções de leitura sistematizadas por Eni Orlandi (2009) que nos forneceu maior aprofundamento em relação aos sentidos na leitura, conforme expresso em nosso marco teórico-conceitual. Conservamos em uma única análise dois ou mais textos do mesmo autor, quando tratavam dos resultados parciais e finais da mesma pesquisa ou atualização da pesquisa anterior.

3 MARCO TEÓRICO-CONCEITUAL

“A leitura do analista de discurso, entretanto, difere de outras práticas leitoras, especialmente pelo seu reconhecimento do movimento interpretativo; ele se reconhece nos sentidos que produz; busca assumir sua posição interpretativa: “nem acima, nem além do discurso ou da história, mas deslocado.”

(ORLANDI, E.P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 85)

Neste capítulo é feita a exposição dos fundamentos dos dois eixos estruturantes desta pesquisa, formado pelas abordagens quantitativa e qualitativa do tema da leitura pelo campo informacional.

Iniciamos pelo fundamento da busca e análise da frequência da temática da leitura pelo campo informacional.

Tudo começou com a pesquisa sobre o campo informacional brasileiro e internacional realizada por Freitas (2001), que resultou na Tese de Doutorado intitulada **“Na teia dos sentidos: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação no período de 1968 a 1999.”** A autora esquadrinhou o campo informacional, mapeou a frequência de determinados recortes discursivos em fontes da literatura científica nacional e internacional e analisou o discurso dominante na Ciência da Informação sobre a condição da informação na contemporaneidade, através de periódicos, Anais dos ENANCIB e da Base LISA⁷, entre outros.⁸ A Base BRAPCI⁹ ainda não havia sido criada.

Freitas (2001) destacou no *corpus* analíticos de sua tese marcas textuais que evidenciavam os contextos politicoeconomicossociais das práticas informacionais.

⁷ LISA (*Library & Information Science Abstract*).

⁸ Objetos de análise na pesquisa de Freitas (2001): o periódico *Ciência da Informação e Revista da Escola de Biblioteconomia* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), inclusive quando esta última muda o nome, em 1996, para *Perspectivas em Ciência da Informação*; a análise das ementas das Linhas de Pesquisa e Áreas de Concentração dos cursos de Pós-Graduação no Brasil; as Teses e Dissertações dos Programas de Pós-Graduação do Instituto Brasileiro em Informação, Ciência e Tecnologia (IBICT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da UFMG; os trabalhos apresentados nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB; e a literatura internacional através da Base Lisa.

⁹ BRAPCI (Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação), inicialmente nomeada *Base Referencial de Revistas de Biblioteconomia e Ciência da Informação - Base BRES – UFPR*. É um produto de informação de projeto do Departamento de Ciência e Gestão da Informação (DECIGI) da Universidade Federal do Paraná, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq). A ideia inicial foi “de reunir a literatura pertinente da área de CI em um único local que facilitasse a busca e recuperação da informação para pesquisadores, acadêmicos e a comunidade em geral”; resultando na criação de um produto que pudesse ser acessado em um ambiente virtual [a BRAPCI]. (BUFREM, 2010, p. 35).

Essas marcas, às quais denominou de recortes temático-discursivos, deixavam de constituir “palavras” isoladas, se remetidos às formações discursivas¹⁰ ou discursividades¹¹, que sustentavam seus sentidos. Os recortes caracterizados como culturais tiveram um breve crescimento na metade da década de 80; ao passo que os recortes caracterizados como econômico-gerenciais ascenderam visivelmente a partir de 1990, aparentemente impulsionados pelo discurso da “sociedade ou era da informação” (FREITAS, 2001, p. 100-3). A autora também selecionou e nomeou as formações discursivas que alternadamente dominaram o discurso da Ciência da Informação até o final dos anos 80:

a) *Progressista Humanista*: com sentido de progresso contínuo de uma humanidade genérica, com as marcas do discurso evolucionista e cientificista.

b) *Desenvolvimentista*: com sentidos aparentados com a formação anterior, mas ligados a propostas de intervenções políticas – planejamento – baseadas em análises de processos econômicos internos e internacionais.

c) *Reformista*: com sentidos ligados a preocupações sociais e políticas de democratização e socialização dos processos informacionais e educacionais, além de soluções sociopolíticas, via iniciativas culturais.

d) *Culturalista Erudita*: sentidos estabelecidos via discursos mais elitistas que na formação anterior, salvacionismo cultural de viés autoritário, como analisado em Freire (1989) e em Perroti (1990).

e) *Crítica socialista* – discurso à esquerda, baseado no materialismo histórico (minoritário na área). (FREITAS, 2004, p. 19-20)

A pesquisa “Na teia dos sentidos...” começou a ser atualizada, a partir de 2009, pelo Grupo de Pesquisa *Informação, Cultura e Memória*, com bolsistas PIBIC/CNPq¹² e voluntários, atualizando os seus dados de forma mais completa, com a utilização de novas fontes como, por exemplo, a base BRAPCI. A atualização dessa pesquisa também gerou alguns subprodutos nas formas de Dissertação e de Trabalhos de Conclusão de Curso, além da criação de um novo recurso, o

¹⁰A formação discursiva determina o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social historicamente determinado em uma conjuntura dada. “Uma formação discursiva é constituída-margeada pelo que lhe é exterior, logo, por aquilo que aí é estritamente não formulável, já que a determina.” (PÊCHEUX; FUCHS, 1997, p; 177 *apud* FREITAS, 2002).

¹¹A discursividade de uma formação discursiva refere-se ao seu funcionamento, com suas estratégias de formação do efeito de evidência. Ou, discursividade é como os sentidos trabalham no texto. (cf. ORLANDI, 1996, p. 29 *apud* FREITAS, 2002).

¹²PIBIC é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), ou pela Universidade. Voltado para o aluno de graduação, tem como principais objetivos: despertar vocação científica e incentivar talentos potenciais entre estudantes de graduação universitária, mediante participação em projeto de pesquisa, orientados por pesquisador qualificado, com vistas à continuidade de sua formação, de modo particular na pós-graduação. <<http://www.propi.uff.br/>>

repositório digital BENANCIB¹³, elaborado para armazenar os Anais dos ENANCIB e torná-los pesquisáveis e disponíveis à comunidade científica.

Os estudos de Rosa (2010¹⁴, 2013) igualmente atualizaram dados da pesquisa de Freitas (2001) e demonstraram a forte representatividade de temáticas culturais no campo informacional no período de 1972 a 1987, assim como a paralela ascensão das temáticas econômico-gerenciais a partir dos anos 90, juntamente ao discurso de sociedade da informação. As temáticas ligadas à leitura também decaíram no conjunto dos recortes discursivos caracterizados como culturais, conforme vimos na Introdução.

A leitura perpassa direta ou indiretamente todas as atividades no campo informacional. Entendemos que o ato de ler é complexo e envolve uma característica essencial e inerente ao homem, que é a sua capacidade de simbolizar e de interagir com o mundo e com o outro através da linguagem.

Concebemos como leitura a produção de sentido para qualquer forma de expressão simbólica que constituída por e constitui teias de significações. Coracini (2005), sob a perspectiva da Linguística, lança uma interrogação sobre o significado do ato de ler:

O que significa ler? Sem buscar respostas formalizadas nas teorias sobre a leitura, ler pode ser definido pelo olhar: perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não. Esse olhar pode ser direto, atravessado, ou enviesado, conforme o leitor, o espectador, o observador, sua bagagem de vida, o contexto social no qual se insere: momento e espaço (lugar), suas expectativas, que alguns denominam projeto, intenção ou objetivo. Nem sempre ou quase nunca tais expectativas são conscientes. Mas até mesmo essa percepção – de maior ou menor consciência – depende da concepção de leitura que adotamos. (CORACINI, 2005, p. 19)

Como dito, leitura envolve variadas atividades no campo informacional, como o tratamento técnico dos itens, a leitura para seleção e desenvolvimento do acervo e para a recuperação da informação; ou seja, atravessa as etapas do trabalho

¹³BENANCIB - trata-se de um repositório digital que é um dos segmentos do projeto “*Tecendo discursos e sujeitos: autoria e trajetos temático-discursivos dos GT(s) dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação, ENANCIB, de 1994 até a presente data*”. A coordenação desse projeto é da Prof.^a Dr.^a Lídia Silva de Freitas, do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense (PPGCI-UFF).

¹⁴ROSA, Berta Jaqueline. **Metamorfoses biblioteconômicas: da cultura ao econômico-gerencial – a produção dos periódicos científicos brasileiros do campo informacional (1972-2009)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado) - Curso de Biblioteconomia e Documentação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

informativa, independentemente do suporte em que esteja inscrita. Além desses aspectos, a leitura também pode ser concebida como fonte de conhecimento lazer.

Orlandi (2012), partindo de um aprofundamento teórico sobre a leitura, entende-a como produção de sentidos, incluindo a escrita e a oralidade. Sendo assim, toda expressão de linguagem envolve a leitura. A autora evidencia numa perspectiva discursiva que, na atividade da leitura, o sentido é produzido na articulação entre sujeitos via texto, relações de poder, mediação, fatores socioculturais e históricos.

Historicidade do texto, mas também historicidade da própria ação da leitura, da sua produção. Daí nossa afirmação de que a leitura é o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significante. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo. (ORLANDI, 2012a, p. 11)

Para entender como a leitura vem sendo abordada campo informativo brasileiro, fez-se necessário entender as concepções teóricas a respeito, a partir dos estudos da Ciência da Linguagem, a Linguística. Neste sentido, buscamos as contribuições teóricas das autoras: Maria José Coracini, Ingedore Koch e Vanda Elias e Eni Orlandi. Estas autoras sistematizaram em categorizações as grandes linhas ou vertentes das abordagens teórico conceituais da leitura, conforme veremos a seguir.

Quadro 3 – Concepções de leitura

Autores	Concepções de Leitura
CORACINI (2005)	a) concepção estruturalista: leitura como decodificação; b) concepção cognitivista: leitura como interação; c) concepção de leitura enquanto processo discursivo: socio-histórico e ideologicamente construído.
KOCH (2011), KOCH, ELIAS (2014)	a) concepção da língua como representação do pensamento humano: leitura com o foco no autor; b) concepção de língua como estrutura: leitura com o foco no texto; c) concepção interacional (dialógica) da língua: leitura cujo foco é a interação autor-texto-leitor.
ORLANDI (2007, 2009, 2012a, 2012b, 2013)	a) concepção formalista: sentido único inscrito no texto (sentido imanente ao texto): leitura como decodificação; b) concepção sociologista, das vertentes histórico sociológicas: Sociolinguística, a Etnolinguística, a Sociologia da Linguagem e a Pragmática: produção de sentido influenciada por fatores sócio históricos. c) concepção discursiva: sentido constituído em determinadas condições de produção que igualmente constituem sujeitos, textos e contextos.

Fonte: autoria própria.

Começamos, assim, a nossa investida naquela que consideramos a grande teia de sentidos, ou seja, a leitura e suas concepções, observando a categorização elaborada por Coracini (2005) quando, na perspectiva da modernidade, expõe duas concepções clássicas de leitura: a leitura de signos impressos em um texto, isto é, a que corresponderia à decodificação do sentido; e a leitura enquanto interação, ou seja, a leitura como construção do sentido.

Ao explicitar a leitura enquanto processo de decodificação, Coracini (2005, p. 20) menciona que o sentido estria nas palavras ou nos signos, sendo função do

leitor “resgatar os sentidos impressos nos sinais gráficos ou pictóricos.” Esta é a perspectiva do estruturalismo, que influenciou e muitas vezes ainda influencia o ensino, os estudos sociais e as ciências humanas. Nesta direção, o texto é entendido como uma estrutura que pode ser subdividida em unidades menores, que

uma vez observadas e estudadas em seu funcionamento, podem ser recompostas de modo a reconstruir o objeto (texto, organismo animado ou inanimado). Considerar o signo como parte de uma estrutura maior e mais completa significa considerá-lo fora de toda subjetividade como puro instrumento de comunicação, em que o sujeito – e, portanto, a subjetividade – não teria lugar. (CORACINI, 2005, p. 20)

Ao aprofundar as discussões teóricas acerca da leitura, Coracini (2005) entrelaça outro fio na teia, que é o da leitura enquanto interação. Nesta perspectiva, a leitura não é mais uma mera decodificação e extração de informações; é, portanto, uma atividade cognitiva na qual o leitor interage com o texto para reconstruir o(s) sentido(s) ou a(s) intenções do autor, expresso(s) através das pistas deixadas por ele no percurso de sua escrita. Cabe ao leitor, então, compreender o sentido a partir da forma de linguagem utilizada pelo autor. A autora ressalta que:

A leitura constitui um processo cognitivo que coloca o leitor em frente do autor do texto ou da obra, seja ela de que natureza for, o autor que deixaria marcas, pistas de sua autoria, de suas intenções, determinantes para o(s) sentido(s) possível(eis) e com o qual o leitor inter-agiria para construir esse(s) sentido(s).

Nesse caso, portanto, o autor – “*autoridade*” – é responsável pelo(s) sentido(s) e se vê legítima e juridicamente reconhecido como tal. É ele que, conscientemente, imprime marcas de suas intenções no texto. (CORACINI, 2005, p. 21)

Para além das concepções clássicas de leitura, Coracini (2005, p. 23) abraça a concepção de leitura enquanto processo discursivo e sócio historicamente construído. Nessa abordagem há alguns aspectos, tais como as memórias, os discursos e as imagens que pairam no contexto social, que fazem parte do nosso inconsciente e estão permeados por nossa subjetividade. Neste emaranhado de sentidos, também estão a realidade social e o momento histórico que juntos, entrelaçados à memória, produzem um sentido ou muitos sentidos para o que é lido. Portanto, a produção do(s) sentido(s), a leitura, a compreensão e a interpretação estão diretamente inscritas no ponto de vista, na percepção e na posição enunciativa do sujeito leitor.

Ainda segundo Coracini (2005, p. 25), o texto não é considerado apenas em sua forma verbal, pois há textos que estão implícitos nas artes, como a pintura, a fotografia e a música, e que representam o “resultado de uma rede constituída de fragmentos sempre vinculados à história e à ficção.” Para autora,

ler é, em primeira e última instância, interpretar. Não se trata mais de perseguir a unidade ilusória do texto, mas de amarrotá-lo, recortá-lo, pulverizá-lo, distribuí-lo segundo critérios que escapam ao nosso consciente, critérios construídos por toda nossa subjetividade, que produz incessantemente a si mesma. Atravessados, então, pelo inconsciente, os sujeitos autor ou leitor, ambos produtores de sentido e, portanto, de textos – textos que resultam desse trabalho de escuta, de leitura, de olhar, onde fragmentos de textos normatizam dentro de nós, reavivando relíquias, fetiches, oráculos, enfim, o mundo de significações que somos. (CORACINI, 2005, p. 25)

Seguindo a busca por contribuições teóricas sobre a diversidade de concepções de leitura, veremos a sistematização traçada por Koch (2011) e também por Koch e Elias (2014). Segundo as autoras, o texto é o lugar onde os sujeitos sociais interagem e dialogam com suas diversas forma, por meio de “ações linguísticas e sociocognitivas” que possibilitam a formulação de hipóteses na busca de sentidos. Para as autoras, um conceito de leitura depende da “concepção de **sujeito**, de **língua**, de **texto** e de **sentido** que se adote” (KOCH, ELIAS, 2014, p. 9. Grifos do autor)

Na concepção de leitura decorrente da língua como representação “do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer”, o foco está no autor e o texto é visto como descrição das ideias deste escritor, isto é, como um “produto – lógico – do pensamento (representação mental) do autor” (KOCH, ELIAS, 2014, p. 9-10), cabendo ao leitor apenas decifrar a mensagem enunciada por ele. Dessa forma, as autoras esclarecem que a leitura, assim,

é entendida como a atividade de captação das ideias do autor, sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor, a interação autor-texto-leitor com propósitos constituídos socio-cognitivo-interacionalmente. O foco de atenção é, pois, o autor e suas intenções, e o sentido está centrado no autor, bastando tão-somente o leitor captar essas intenções. (KOCH, ELIAS, 2014, p. 10)

A concepção de leitura advinda da língua como estrutura, ou como código, “corresponde a de sujeito determinado, ‘assujeitado’ pelo sistema”. O foco está no texto, considerando-o como um produto codificado pelo autor para ser decodificado

pelo leitor. Não são considerados, portanto, os interditos, tampouco o contexto socio-histórico, pois “tudo está dito no dito” (KOCH, ELIAS, 2014, p.10). Desta forma, há um sistema linguístico e social preestabelecido, no qual é necessário ao leitor saber decifrar o código expresso pelo autor, via estrutura textual, para somente extrair as informações contidas no texto. Essa abordagem coincide com o processo de decodificação da leitura na concepção estruturalista, tal como mencionado por Coracini (2005). Em se tratando do leitor, este permanece passivo perante o texto, limitando-se à decodificação. Com isso, se na concepção anterior em que o foco é o autor,

Ao leitor cabia o reconhecimento das intenções do autor, nesta concepção, cabe-lhe o reconhecimento das palavras e estrutura do texto. Em ambas, porém, o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento, de reprodução. (KOCH, ELIAS, 2014, p. 10)

Na concepção de leitura através da visão interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores, construtores sociais, “sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto” (KOCH, ELIAS, 2014, p.10) e têm como cenário o contexto sociocognitivo, em que todos os interlocutores têm espaço para interagir e perceber as ideias implícitas nas entrelinhas. Desse modo, o foco está centrado na interação autor-texto-leitor. Esta é a concepção de leitura abraçada pelas autoras, na qual leitura é, pois,

uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. (KOCH, ELIAS, 2014, p. 11)

Ainda para Koch e Elias (2014), o leitor construtor de sentidos ativa estratégias tais como a seleção, a antecipação, a inferência e a verificação. “A leitura e a produção de sentidos são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo (lugares sociais, crenças, vivências)” (KOCH, ELIAS, 2014, p. 21). Outro fator importante a observar é que um mesmo texto preserva uma pluralidade de leituras e de sentidos.

Na produção de sentidos, “estratégias” sociocognitivas são postas em ação, pois recorreremos aos conhecimentos linguísticos (gramatical e lexical), aos conhecimentos enciclopédicos (fatos históricos, vivências pessoais e eventos

armazenados na memória de longo prazo) e aos conhecimentos interacionais (compreensão dos objetivos do autor, do gênero e da construção textual). (KOCH, 2011, p.48; KOCH, ELIAS, 2014, p. 40)

Outra sistematização sobre as concepções de leitura por nós selecionada foi elaborada por Eni Orlandi que, a nosso ver, transcende, aprofunda e amplia o assunto. Esta é a razão pela qual destinamos maior espaço para as suas reflexões acerca da leitura, pois ela propõe uma divisão consistente e enraizada na história da Linguística. Com base em Orlandi (2009), evidenciamos inicialmente as duas principais vertentes do pensamento linguístico quanto à constituição do sentido textual: o formalismo e o sociologismo.

A tendência formalista estabelece conexão direta entre a linguagem e o pensamento. Considera que o sentido - único - está inscrito no texto. Existiria, assim, uma busca pelo que “é único, universal e constante” (ORLANDI, 2009, p. 17). Neste sentido, poderíamos inferir que ler é decodificar os signos.

A tendência sociologista “se aplica a estudar o percurso *social* [da linguagem], explorando a relação entre linguagem e sociedade. Procura o que é múltiplo, diverso e variado” (ORLANDI, 2009, p. 17). O foco desses estudos é a trajetória social da linguagem. Sendo assim, para esta tendência, o ato de ler envolve o autor e o leitor em situações históricas e socioculturais. Além destas duas tendências, Orlandi expõe uma concepção que envolve uma ruptura com as concepções anteriores, ou seja, a análise de discurso, da qual trataremos posteriormente.

Orlandi (2009), ao percorrer o histórico da Linguística, aglutina como tendência formalista o estruturalismo e o gerativismo. O estruturalismo inicialmente foi abordado como uma organização interna da língua, que Ferdinand de Saussure¹⁵ chamou de *sistema* e os seus sucessores, de *estrutura*. “Com essa noção, procuram valorizar a ideia de que cada elemento da língua só adquire um valor quando se relaciona com o todo de que faz parte” (ORLANDI, 2009, p. 23). O estruturalismo tem como principal representante Saussure, através da obra póstuma, o “*Cours de linguiste générale*.”

Para Orlandi, o estruturalismo pode ser dividido em duas formas: o funcionalismo e o distribucionalismo. O primeiro direciona o foco aos aspectos linguísticos: fônicos, gramaticais e semânticos; o segundo enfoca o conjunto de

¹⁵ SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de linguiste générale**. Paris: Payot, 1916.

enunciados emitidos por falantes de uma determinada língua, sem questionar os significados, mas buscando o modo de organização e a sua regularidade. “A distribuição pode ser verificada em todos os níveis da linguagem: fonológico, sintático e mesmo semântico” (ORLANDI, 2009, p.32).¹⁶

O estruturalismo predominou até os anos 50, quando o americano Noam Chomsky, mesmo tendo sido discípulo do distribucionalista Z. Harris, passa a reconhecer a competência linguística como natural aos seres humanos, “critica a vocação classificatória dos distribucionalistas e propõe que a reflexão sobre a linguagem não seja tão amarrada aos dados, mas dê um lugar importante à *teoria*”. Dessa forma, surge o gerativismo, através da Gramática Gerativa¹⁷. (ORLANDI, 2009, p. 38).

Os estudos da Linguística, embora com tendência predominantemente formalista, possibilitaram que estudiosos notassem a heterogeneidade, a diversidade e reconhecessem o percurso social e histórico da linguagem. Surge, então, a linguística histórica ou sociológica, que traz as seguintes abordagens: a Sociolinguística, a Etnolinguística, a Sociologia da Linguagem, a Pragmática e a Análise do Discurso norte americana.

A Sociolinguística observa a sociedade e enxerga na linguagem o reflexo das estruturas sociais (ORLANDI, 2009). O nome representativo desta vertente é o americano William Labov (1927-).

A Etnolinguística, em oposição à Sociolinguística, não considera a linguagem um reflexo do social, e sim, uma causa das estruturas sociais. A linguagem é vista como organizadora do mundo em que vivemos (ORLANDI, 2009, p.50). Principais etnolinguistas: o americano Edward Sapir (1884-1939), o russo Mikhail Bakhtin (1895-1975) e o francês Émile Benveniste (1902-1976).

A Sociologia da Linguagem não distancia as ações da linguagem das ações sociais e as considera mutuamente constituídas. Não está direcionada às funções da linguagem, porém, estuda os conteúdos, os “poderes” da linguagem, como por exemplo: as adivinhações, os rituais religiosos, as felicitações (ORLANDI, 2009).

A Pragmática inicia o estudo da significação e evidencia a relação entre

¹⁶ Os principais estruturalistas: o suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), o francês Oswald Ducrot (1930-), os russos Roman Jakobson (1896-1982) e Nicolai Trubetzkoy (1890-1938), o britânico Michael Halliday (1908-1973), os dinamarqueses Viggo Brøndal (1887-1942) e Louis Hjelmslev (1869-1965), representante do estruturalismo americano, o alemão Franz Boas (1858-1942), os americanos Leonard Bloomfield (1884-1949) e Zellig S. Harris (1909-1992), estes dois últimos, representantes do estruturalismo distribucionalista.

¹⁷ Chomsky, Noam. **Topics in the theory of generative grammar**. The Hague: Mouton, 1966.

linguagem e pensamento, e linguagem e sociedade, pois, até então, os estudos eram somente fonológicos, morfológicos e sintáticos (ORLANDI, 2009). O principal representante da Pragmática foi o americano Charles Sanders Peirce (1839-1941).

A análise do discurso de linha francesa aprofunda as críticas que a Sociolinguística e a Pragmática fazem ao formalismo e às correntes que consideram o sentido como imanente ao texto. A principal fundamentação desta vertente discursiva é a relação da linguagem com sua exterioridade, através da indagação das condições de produção do discurso: o falante, o ouvinte, o contexto da comunicação – que inclui o contexto imediato e o contexto histórico-social ou ideológico. Essas condições são representadas por formações imaginárias de si (quem sou eu), do ouvinte (quem é ele) e do contexto (as próprias representações imaginárias desse contexto) (ORLANDI, 2009). Alguns dos principais expoentes do círculo de intelectuais da análise de discurso de linha francesa são: os franceses Michel Foucault (1926-1984), Michel Pêcheux (1938-1983) e a brasileira Eni Orlandi (1942-)

No percurso da linguística, a teoria descritiva, estruturalista, vai cedendo espaço para a teoria científica explicativa, gerativista. Nesse processo, surgiu a necessidade de uma teoria crítica da produção da linguagem. Essa necessidade foi preenchida pela teoria da análise de discurso de linha europeia, que transpôs a análise das frases isoladamente para a análise das frases em relação direta ao texto como um todo, o que propicia sentido ao que foi lido.

Existem as análises de discurso de linhas europeia e americana, que são nitidamente distintas entre si. Para a análise de discurso de linha americana, “uma frase é um discurso curto, um discurso é uma frase complexa. Desse modo, se muda a unidade de análise sem mudar significativamente a teoria ou o método.” (ORLANDI, 2009, p. 59) Em se tratando do significado, é adicionado o componente comunicativo à gramática. No entanto, não rompe com o modelo linguagem e sociedade, assemelhando-se à pragmática.

A análise de discurso de linha europeia é uma ruptura metodológica na análise de textos, pois necessita de conceitos sobre as formações sociais. Nela, o contexto socio-histórico, o inconsciente e a ideologia estão agregados à linguagem e precisam ser reconhecidos. Neste intento, o discurso não é geral como a língua, nem individual como a fala, e a língua não é um sistema abstrato ou código para a

comunicação. O discurso mantém a regularidade de uma prática conforme as variadas práticas sociais.

A análise de discurso introduz, por meio da noção de sujeito, a de ideologia e a de situação social e histórica. Ao introduzir a noção de história vai trazer para a reflexão questões de *poder* e das *relações sociais*.

O discurso é definido não como transmissor de informação, mas como *efeito de sentido* entre *locutores*. Assim, se considera que o que se diz não resulta só da intenção de um indivíduo em informar outro, mas da relação de sentidos estabelecida por eles num contexto social e histórico. (ORLANDI, 2009, p. 60. Grifos do autor)

Prosseguindo nas abordagens de Eni Orlandi, percebemos que, de acordo com a autora, a evidência das forças ideológicas articuladas ao funcionamento dos textos propicia um deslocamento da linguagem em direção às ciências sociais. Os textos estão correlacionados aos vários sentidos que lhes podem ser atribuídos, incluindo as relações de poder e o lugar na enunciação, tanto do autor quanto do leitor. Com essa fundamentação, a análise de discurso de linhagem europeia faz uma crítica às interpretações mecanicistas que dizem regras,

por si, produzem todas as formas da língua como as de cunho individualista que pretendem que o sujeito é o dono absoluto do seu dizer. Para a análise de discurso, a linguagem é “produzida” pelo sujeito, em condições determinadas, e quem a analisa deve procurar mostrar o seu processo de produção.

Para dar conta disso, propõe fazer confluírem conhecimentos linguísticos, socio-históricos e ideológicos. (ORLANDI, 2009, p. 61)

Para esta concepção, o discurso sempre esteve presente na sociedade, desde a Antiguidade, nos estudos retóricos, mas somente no século XX, no início da década de 60, a análise do discurso traz para si o discurso como objeto de estudo, assim como as memórias discursivas, os interditos, o silêncio (ORLANDI, 2007) e até a suposta neutralidade que aparenta no discurso, conforme afirma Orlandi (2013, p. 9):

Não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise de discursos, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.

Na perspectiva discursiva, “a análise de discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real sentido em sua materialidade linguística e histórica.

A ideologia não se prende, o inconsciente não se controla com o saber” (ORLANDI, 2013, p. 59). Fazem parte do contexto discursivo as posições dos sujeitos, a subjetividade, a memória discursiva e os múltiplos sentidos que um texto pode oferecer, ou seja, texto, sujeito e contexto inseridos no momento socio-histórico e no funcionamento do discurso.

Saber como os discursos funcionam é colocar-se na encruzilhada de um duplo jogo da memória: o da memória institucional que estabiliza, cristaliza, e, ao mesmo tempo, o da memória constituída pelo esquecimento que é o que torna possível o diferente, a ruptura, o outro. Movimento dos sentidos, errância dos sujeitos, lugares provisórios de conjugação e dispersão, de unidade e de diversidade, de indistinção, de incerteza, de trajetos, de ancoragem e de vestígios: isto é o discurso, isto é o ritual da palavra. (ORLANDI, 2013, p. 10)

Para a análise de discurso, o contexto não é um cenário de onde o sujeito recebe influências. O sujeito interfere e recebe interferências do contexto. O autor, o leitor, o texto, os sentidos constituem e são constituídos pelo contexto. A ‘subjetividade’ e a ‘objetividade’ estão entrelaçadas, pois não se pode observar um objeto sem a subjetividade do olhar. E o homem, como ser simbólico, está envolvido em um entrecruzamento de sentidos.

Sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo [...]. Ora, o corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes. São atravessados de discursividade, isto é, de efeitos desse confronto, em processos da memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. Não há corpo que não esteja investido de sentidos e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos. Dessa forma é que pensamos que o corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente. (ORLANDI, 2012b, p. 9-10)

Orlandi (2012a) apresenta um conceito de leitura que evidencia a relação entre a produção de sentidos e a historicidade do texto, e considera, inclusive, a leitura existente na oralidade, visto que para essa abordagem, toda expressão de linguagem envolve leitura. Ressalta que o silêncio atravessa as palavras e,

quando dizemos que há silêncio nas palavras, estamos dizendo que elas são atravessadas de silêncio; elas produzem silêncio; o silêncio ‘fala’ por elas; elas silenciam. As palavras são cheias de sentidos a não dizer e, além disso, colocamos no silêncio muitas delas. (ORLANDI, 2007, p. 14)

Após analisarmos três grandes sistematizações das principais concepções de leitura organizadas por Coracini (2005), Koch (2011), Koch e Elias (2014) e Orlandi (2007, 2009, 2011, 2012, 2013), percebemos que estas autoras mencionam os fatores estruturais, interacionais (cognitivos e dialógicos) e discursivos envolvidos na produção de sentidos de um objeto simbólico, independentemente da linguagem em que esteja expresso.

Optamos, entretanto, pela categorização das concepções de leitura nos estudos de Eni Orlandi, pois consideramos que ela foi além, ao aprofundar a questão da produção de sentidos e evidenciar a contribuição da análise de discurso: “observar os modos de construção do imaginário necessário na produção de sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 18). Assim, elegemos a sistematização das concepções da linguística e da leitura proposta por Orlandi como respaldo para a análise do nosso campo empírico.

4 MARCO EMPÍRICO

“Não existe ciência rígida ou flexível, quente ou fria, antiga ou recente, que não dependa dessa transformação prévia que se opera entre o mundo real e as inscrições científicas...”

(Latour *apud* CAVALCANTI *et all.* Centros de cálculo... **Informare**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 35, jan/jun, 2000)

O campo empírico do levantamento da produção científica brasileira em Ciência da Informação, nesta pesquisa, é composto pelos trabalhos apresentados nos ENANCIB promovidos pela ANCIB.

A criação da ANCIB, em junho de 1989, foi um passo significativo para a visibilidade, divulgação e consolidação da pesquisa na área informacional. Podemos considerar que o núcleo inicial da ANCIB originou-se do estreito liame entre a pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil e o advento da pós-graduação *stricto sensu* nessas áreas. Desde o final da década de 70, os coordenadores dos cursos de pós-graduação da área da Informação reuniam-se para trabalhar temas predominantemente político-administrativos referentes à consolidação desses cursos no cenário geral das pós-graduações. Esses encontros eram intitulados Encontro Nacional de Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, nos quais se formaram grupos de interesse, transversais aos limites dos cursos, que passaram a constituir as sessões temáticas dos encontros de pesquisa.

Atualmente a ANCIB agrega 16 Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, cujos corpos docente, discente e pesquisadores que atuam em organizações públicas, privadas ou de forma autônoma, submetem aos seus organizadores os resultados parciais ou finais de suas pesquisas (FREITAS; SALEK, 2014).

Em 1994, a ANCIB promoveu o primeiro Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIB) utilizando o formato geral de Grupos de Trabalho e sessões temáticas (GOMES, 2007).

Como visto, o campo empírico é composto por todos os trabalhos apresentados nos ENANCIB, no período compreendido entre 1994 e 2013. Um aspecto a ser pontuado é o de que dos trabalhos apresentados até o ano 2000

apenas trabalhamos sobre os resumos, visto que os anais dos eventos somente passaram a incluir os trabalhos na íntegra a partir de 2003.

Elegemos o ENANCIB como campo empírico porque este evento se vem apresentando como o mais importante congresso acadêmico-científico do campo informacional brasileiro. É um foro de debates e reflexões organizados em Grupos de Trabalho (GT), cobrindo dezenove anos de pesquisa em Ciência da Informação, o que lhe confere a legitimidade dos discursos apresentados, tais como as pesquisas de ponta e as comunicações científicas de pesquisas já qualificadas, de conteúdo aprofundado e representativo, desenvolvidas pelos corpos docentes e discentes de pós-graduações do campo informacional brasileiro, ou seja, “para onde converge parte expressiva da *intelligentsia da área*” (ALVARES JUNIOR. 2006, p. 59. Grifo do autor).

Freire e Alvares (2013), em estudo sobre os 25 anos da ANCIB e sua contribuição para a área da Ciência da Informação, produziram e analisaram as informações sobre a trajetória histórica dessa associação, e também as instituições de ensino, a criação de Grupos de Trabalho e diretorias que lideraram a ANCIB. As autoras traçaram o percurso histórico dos Grupos de Trabalho, como vemos:

O estatuto da ANCIB, Capítulo XIII (Dos Grupos de Trabalho e das Comissões Especiais), estabelece que “Os Grupos de Trabalho serão constituídos por aglutinação, a partir dos interesses de pesquisa, em torno de temáticas relevantes para a área.” (Artigo 35) e que “Os Grupos de Trabalho serão criados, reformulados ou extintos, a partir de representação dos pesquisadores interessados em sua constituição e serão submetidos à aprovação da Diretoria Executiva, após consulta ao Fórum de Coordenadores.” (Artigo 36)

Nesta moldura institucional, a formação dos atuais Grupos de Trabalho da ANCIB é resultado da evolução da discussão e das demandas de pesquisa da área de Ciência da Informação no Brasil. Desde a sua criação, a ANCIB abrigou 14 Grupos de Trabalho, dos quais [atualmente] 11 estão ativos. (FREIRE; ALVARES, 2013, p. 11)

Desde 1994 os ENANCIB são realizados em diferentes cidades e organizados por instituições de ensino que, em parte, colaboraram na criação dos GT. Atualmente, são onze os GT ativos e abordam as seguintes temáticas:

Quadro 4: Grupos de Trabalho (GT – ENANCIB) com suas respectivas temáticas e ementas

GT - TEMÁTICA	EMENTA
GT 01 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação	Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Constituição do campo científico e questões epistemológicas e históricas da Ciência da informação e seu objeto de estudo - a informação. Reflexões e discussões sobre a disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, assim como a construção do conhecimento na área.
GT 02 - Organização e Representação do Conhecimento	Teorias, metodologias e práticas relacionadas à organização e preservação de documentos e da informação, enquanto conhecimento registrado e socializado, em ambiências informacionais tais como: arquivos, museus, bibliotecas e congêneres. Compreende, também, os estudos relacionados aos processos, produtos e instrumentos de representação do conhecimento (aqui incluindo o uso das tecnologias da informação) e as relações inter e transdisciplinares neles verificadas, além de aspectos relacionados às políticas de organização e preservação da memória institucional.
GT 03- Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	Estudo dos processos e das relações entre mediação, circulação e apropriação de informações, em diferentes contextos e tempos históricos, considerados em sua complexidade, dinamismo e abrangência, bem como relacionados à construção e ao avanço do campo científico da Ciência da Informação, compreendido em dimensões inter e transdisciplinares, envolvendo múltiplos saberes e temáticas, bem com contribuições teórico-metodológicas diversificadas em sua constituição.
GT 04 - Gestão da Informação e do Conhecimento	Gestão de ambientes, sistemas, unidades, serviços, produtos de informação e recursos informacionais. Estudos de fluxos, processos, uso e usuários da informação como instrumentos de gestão. Gestão do conhecimento e aprendizagem organizacional no contexto da Ciência da Informação. Marketing da informação, monitoramento ambiental e inteligência competitiva. Estudos de redes para a gestão. Aplicação das tecnologias de informação e comunicação à gestão da informação e do conhecimento.

(continua)

(continuação)

GT 05- Política e Economia da Informação	Políticas de informação e suas expressões em diferentes campos. Sociedade da informação. Informação, Estado e governo. Propriedade intelectual. Acesso à informação. Economia política da informação e da comunicação; produção colaborativa. Informação, conhecimento e inovação. Inclusão informacional e inclusão digital. Ética e informação. Informação e meio ambiente.
GT 06 - Informação, Educação e Trabalho	Campo de trabalho informacional: atores, cenários, competências e habilidades requeridas. Organização, processos e relações de trabalho em unidades de informação. Sociedade do Conhecimento, tecnologia e trabalho. Saúde, mercado de trabalho e ética nas profissões da informação. Perfis de educação no campo informacional. Formação profissional: limites, campos disciplinares envolvidos, paradigmas educacionais predominantes e estudo comparado de modelos curriculares. O trabalho informacional como campo de pesquisas: abordagens e metodologias.
GT 07 - Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia e Inovação	Estudos teóricos, aplicados e metodológicos sobre a produção, comunicação e uso da informação em Ciência, Tecnologia e Inovação. Inclui pesquisas relacionadas aos processos de comunicação, divulgação, análise e formulação de indicadores para planejamento, avaliação e gestão em CT&I.
GT 08 - Informação e Tecnologia	Estudos e pesquisas teórico-práticos sobre e para o desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que envolvam os processos de geração, representação, armazenamento, recuperação, disseminação, uso, gestão, segurança e preservação da informação em ambientes digitais.
GT 09 - Museu, Patrimônio e Informação	Análise das relações entre o Museu (fenômeno cultural), o Patrimônio (valor simbólico) e a Informação (processo), sob múltiplas perspectivas teóricas e práticas de análise. Museu, patrimônio e informação: interações e representações. Patrimônio musealizado: aspectos informacionais e comunicacionais.

(continua)

(continuação)

GT 10 - Informação e Memória	Estudos sobre a relação entre os campos de conhecimento da Ciência da Informação e da Memória Social. Pesquisas transdisciplinares que envolvem conceitos, teorias e práticas do binômio 'informação e memória'. Memória coletiva, coleções e colecionismo, discurso e memória. Representações sociais e conhecimento. Articulação entre arte, cultura, tecnologia, informação e memória, através de seus referenciais, na contemporaneidade. Preservação e virtualização da memória social.
GT 11 - Informação e Sociedade	Estudos das teorias, métodos, estruturas e processos informacionais, em diferentes contextos da saúde, considerada em sua abrangência e complexidade. Impacto da informação, tecnologias, e inovação em saúde. Informação nas organizações de saúde. Informação, saúde e sociedade. Políticas de informação em saúde. Formação e capacitação em informação em saúde.

Fonte: <http://www.ancib.org.br/>

Podemos observar que a leitura, mesmo estando implícita, não aparece registrada nas temáticas ou nas ementas dos Grupos de Trabalho dos ENANCIB, o que nos causa estranhamento, visto que as temáticas como memória, conhecimento socializado, educação, discurso, articulação entre arte e cultura e mediação, entre outras, que envolvem leitura, aparecem explícitas, ratificadas por escrito nas ementas dos GT.

Quadro 5: ENANCIB (1994-2013): edições, anos, instituições, locais e temas

EVOLUÇÃO DOS ENANCIB				
ENANCIB	ANO DE REALIZAÇÃO	INSTITUIÇÃO	CIDADE / ESTADO	TEMA
I	1994	UFMG	Belo Horizonte/MG	
II	1995	PUCAMP	Valinhos/SP	
III	1997	IBICT	Rio de Janeiro/RJ	
IV	2000	UnB	Brasília/DF	Conhecimento para o Século XXI: a Pesquisa na Construção da Sociedade da Informação
V	2003	UFMG	Belo Horizonte/MG	Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: desafios do milênio
VI	2005	UFSC	Florianópolis/SC	A política científica e os desafios da Sociedade da Informação
VII	2006	UNESP/ Marília	Marília/SP	A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação

(continua)

(continuação)

VIII	2007	UFBA	Salvador/BA	Promovendo a inserção internacional da pesquisa brasileira em Ciência da Informação.
IX	2008	USP	São Paulo/SP	Diversidade cultural e políticas de informação
X	2009	UFPB	João Pessoa/PB	Responsabilidade Social da Ciência da Informação
XI	2010	IBICT	Rio de Janeiro/RJ	Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação.
XII	2011	Unb	Brasília/DF	Políticas de informação para a sociedade
XIII	2012	ICICT	Rio de Janeiro/RJ	A sociedade em rede para a inovação e o desenvolvimento humano
XV	2014	UFMG	Belo Horizonte/MG	Além das nuvens: expandindo as fronteiras da Ciência da Informação.

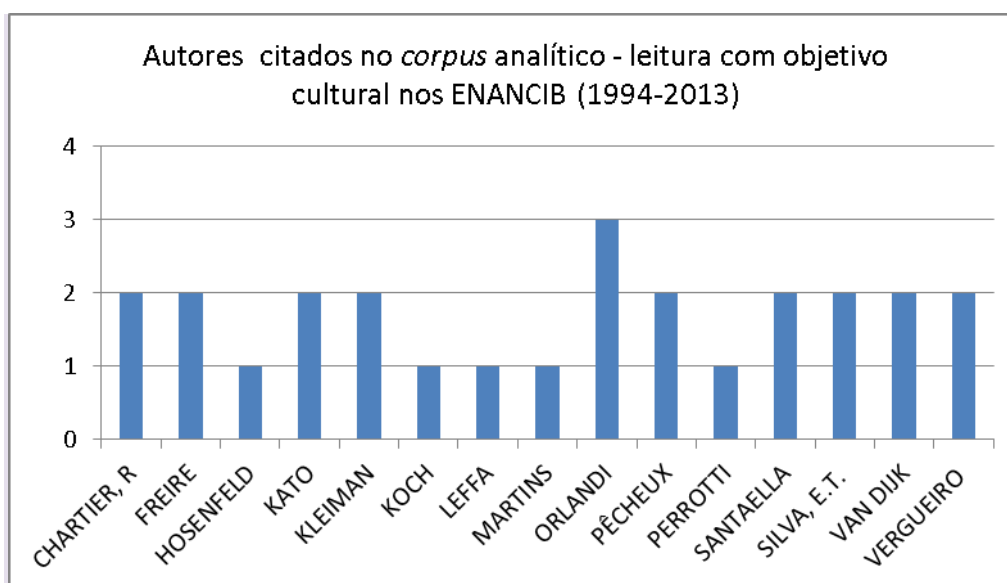
Fontes: SALEK (2011, p. 27) e Portal da ANCIB.

Quadro 6: Total de trabalhos apresentados anualmente nos ENANCIB

ENANCIB	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	TOTAL
ANO	1994	1995	1997	2000	2003	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	
Nº DE TRAB.	23	56	135	254	140	126	108	188	151	199	254	266	317	318	2.535
LEITURA, OBJETIVO CULT.	0	0	1	3	7	2	1	1	4	3	1	1	2	2	28

Fonte: FREITAS; SALEK (2014, p.4) e contagem da autora na leitura com objetivo cultural.

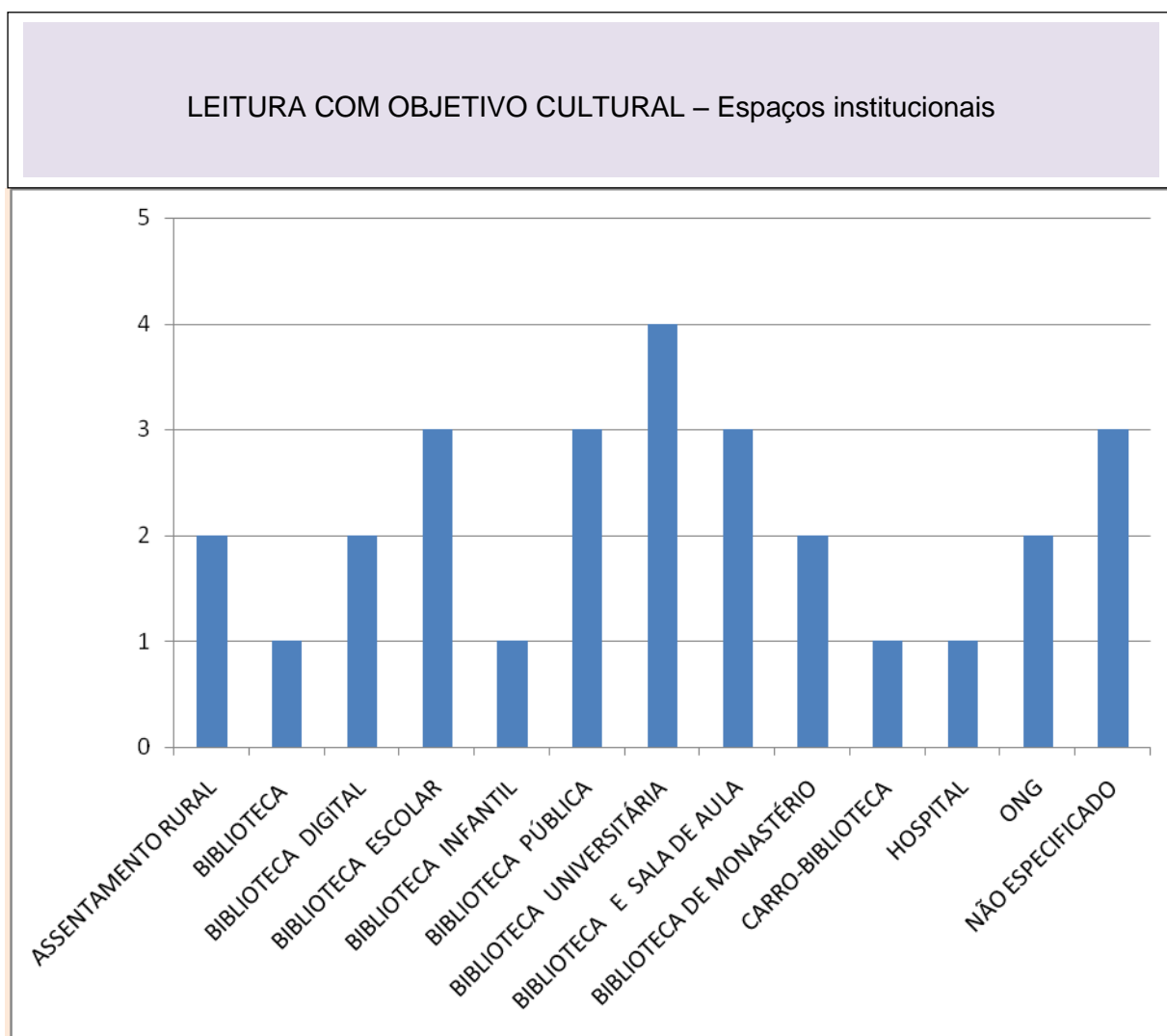
Quando observamos o universo de trabalhos dos ENANCIB e constatamos que apenas vinte e oito tratavam da leitura com um enfoque ou objetivo cultural, ficamos impactados e, lembramos, não foram considerados os trabalhos que tratam da leitura documentária ou técnica, tampouco os trabalhos em que aparece a palavra *leitura*, mas o foco é outro assunto, por exemplo: acessibilidade, inclusão digital, arquitetura da informação aplicada aos leitores de *e-books*, política de informação, memória, comportamento informacional, entre outros temas. Quanto aos assuntos tratados pelo *corpus* analítico, temos, dentre outros, assuntos tais como a leitura e campo informacional, leitura na biblioteca escolar e na sala de aula, leitura no hospital, no monastério, leitura de histórias em quadrinhos e leitura na internet.

Gráfico 3: Autores citados no *corpus* analítico.

Fonte: Autoria própria.

Podemos observar que em nosso *corpus*, Eni Orlandi foi citada três vezes; no entanto, este fato não significa que a área tenha uma visão discursiva da leitura.

Gráfico 4: Leitura com o objetivo cultural e os respectivos espaços institucionais em que são tratadas nos trabalhos dos ENANCIB



Fonte: Autoria própria.

É interessante notar que, mesmo em um número mínimo de trabalhos, existem autores que desenvolveram projetos e promoveram a leitura em espaços institucionais, tais como assentamentos rurais, hospitais e ONG.

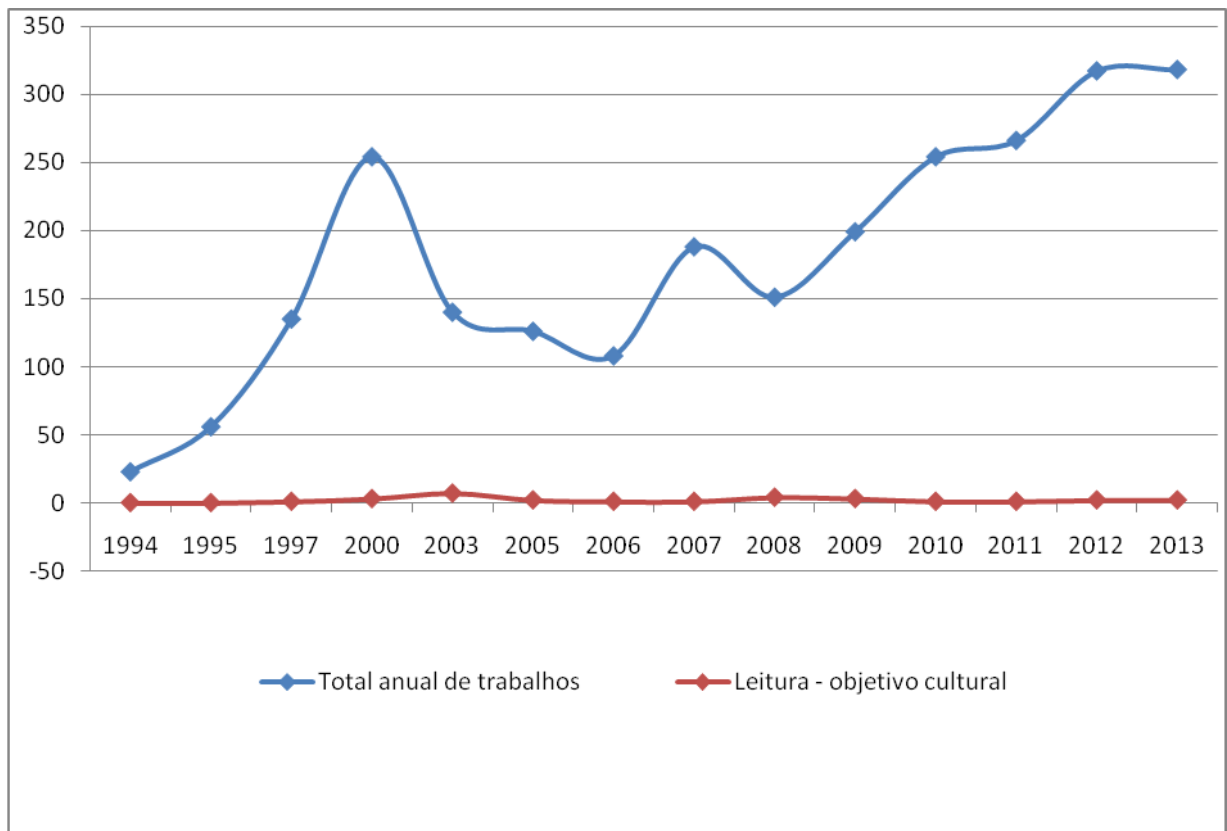
5 RESULTADOS E ANÁLISES

“O dispositivo, a escuta discursiva, deve explicitar os gestos de interpretação que se ligam aos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações de sentidos: descrever a relação do sujeito com sua memória. Nessa empreitada, descrição e interpretação se inter-relacionam.”
(ORLANDI, 2013, p. 60)

Este capítulo encontra-se subdividido em duas partes: os resultados quantitativos e os qualitativos e suas respectivas análises, apresentadas a seguir.

5.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

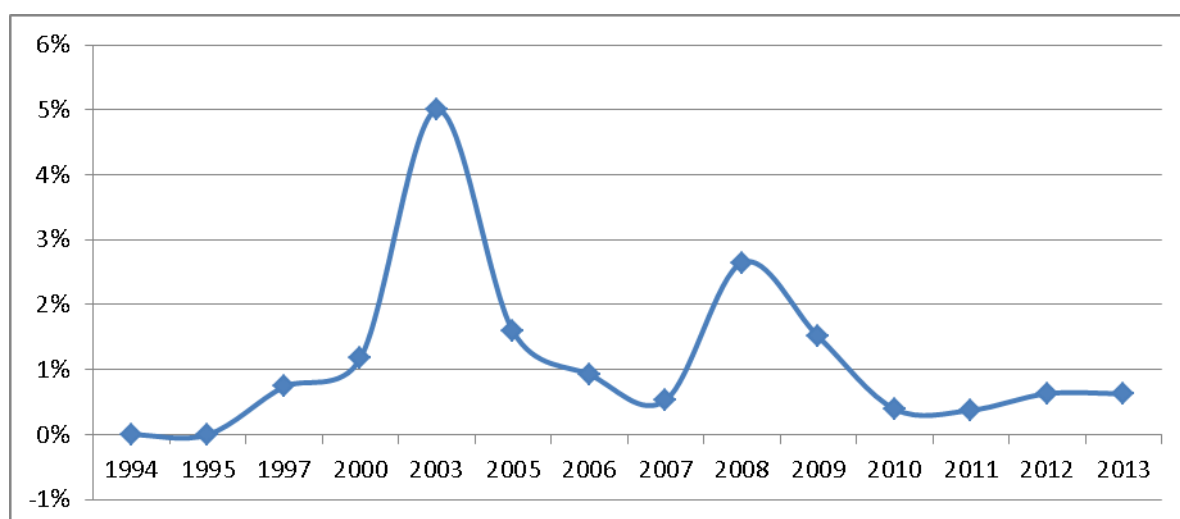
Gráfico 5: Total anual dos trabalhos apresentados nos ENANCIB (1994-2013) em relação aos trabalhos sobre a leitura com o objetivo cultural



Fonte: autoria própria

Ao observar o gráfico, é possível notar o crescimento anual do número de trabalhos apresentados nos ENANCIB, desta forma, podemos perceber que a *intelligentsia* da área está compartilhando a sua produção científica, assim como novos autores e temáticas enriquecem a área e os próprios ENANCIB. Por outro lado, é notória a baixa produção a respeito da leitura com o objetivo cultural, o que demonstra que a leitura ainda é uma temática pouco estudada no campo informacional brasileiro. Freitas (2001) já notara este fato em relação ao abandono dos objetos culturais e, conseqüentemente, a leitura, no momento em que imperava no campo informacional o discurso da sociedade da informação.

Gráfico 6: Percentual dos trabalhos sobre a leitura com o objetivo cultural apresentados anualmente nos ENANCIB (1994-2013)



Fonte: autoria própria

A frequência relativa de nosso *corpus* de pesquisa auxilia a visualização do real movimento histórico do interesse pela temática, independentemente do total geral de trabalhos. Como leitura envolve interpretação, encontramos uma diferença muito sutil em relação aos dados como, por exemplo, em 1997 não consideramos um (1) resumo; em 2003 consideramos mais dois (2) trabalhos; e em 2005 desconsideramos um (1) trabalho em relação aos dados da pesquisa anterior.

Notamos o reaparecimento da “leitura” ou do “leitor” nos anos 2003 e 2008;

não obstante, esta temática decresceu a partir de 2009. Segundo Freitas et al. (2004, p.11), levando em consideração

o 'acúmulo' da produção científica do campo nos três anos que separam os encontros de 1997 e 2000, assim como o grande número de trabalhos apresentados em 2000 – 75% maior que o antecedente – consideramos ainda mais significativa a depressão das temáticas culturais no período. Encontramos dois renascimentos da temática da 'leitura' ou do 'leitor' em 2003 e 2008, novamente perdendo força no último encontro analisado [2009].

Quando nos deparamos com o crescente número de trabalhos apresentados durante quatorze anos de ENANCIB, podemos perceber a ascensão acadêmica da área. No entanto, é preocupante o percentual de trabalhos que trata da leitura com o foco cultural, pois espantosamente o maior percentual que trata da leitura com esse foco somente atingiu 5% no ano de 2003, demonstrando que a leitura é um tema inexpressivo para o campo informacional, mesmo atravessando todas as atividades da área.

5.2 RESULTADOS QUALITATIVOS

“Venho tentando deixar claro, neste trabalho em torno do ato de ler – e não é demasiado repetir agora – que meu esforço fundamental vem sendo o de explicitar como, em mim, aquela importância vem sendo destacada. É como se eu estivesse fazendo a ‘arqueologia’ de minha compreensão do complexo ato de ler...”

(Paulo Freire, 2011, p. 28. 51. ed.)

Ao investigar o nosso *corpus* analítico, optamos por não identificar os autores visto que as concepções ou visões de leitura, ou as marcas destas concepções expressas no texto, são o nosso interesse de estudo. Usaremos sempre a expressão “o autor” para indicar a autoria, independentemente do gênero e do número de autores.

Em seguida, apresentamos uma breve descrição dos trabalhos a fim de situar os textos quanto à edição, ao ano do ENANCIB e ao Grupo de Trabalho ao qual foram apresentados. Extraímos algumas concepções de leitura ou trechos representativos que trazem implícitas essas visões, ou que delas se aproximam, seguidos de uma breve análise. Nessa análise, verificamos a concepção de leitura

apresentada, os autores citados relacionados à temática da leitura e a articulação conceitual entre o pensamento expresso no texto e a concepção ou as concepções citadas.

Nos trabalhos dos ENANCIB em cujos Anais só são apresentados os Resumos – I (1994), II (1995), III (1997) e IV (2000) ENANCIB – por serem de tipologias textuais que não trazem referências e raramente citam autores, optamos por sublinhar a palavra “Resumo” nos comentários.

Alguns textos são analisados em um único comentário¹⁸ porque representam resultados parciais e finais da mesma pesquisa, em diferentes ENANCIB.

Quanto aos critérios de análise, consideramos que não explicitar uma conceituação de leitura, não apresentar autores sobre a temática, ou listar, sem nenhum cotejo, os conceitos e teorias divergentes entre si, são formas de naturalizar a noção de leitura. O anacronismo, por igualar diferentes situações históricas, também demonstra uma naturalização da leitura e dos leitores.

Agora vejamos o *corpus* para análise.

¹⁸ Por exemplo: os TEXTOS 19 e 20.

TEXTO 1

Trata das dificuldades na leitura apresentadas por alunos na graduação, problema que é ainda maior em cursos como Letras, Arquivologia, Biblioteconomia e Documentação, pois o futuro profissional destas áreas trabalhará diretamente em atividades que requerem competência em leitura como, por exemplo, a síntese de textos escritos. **III ENANCIB**. Rio de Janeiro, 1997. GT 6 - Formação profissional Mercado de Trabalho.

Estes dados são analisados à luz das estratégias detectadas nos chamados leitores maduros (ou de sucesso), em pesquisas realizadas por Hosenfeld [...] Nas experiências pedagógicas com leitura que vimos realizando com nossos alunos [utilizamos] as concepções sobre **leitura da Análise do Discurso e da Pragmática Integrada**, operando deslocamentos teórico-ideológicos propiciadores de trilhas para a construção de uma história que permitam instaurar uma relação menos adversa, mais reversível, entre os sujeitos na leitura escolar, o professor leitor e o aluno-leitor. (Grifo nosso)

Comentário:

Nesse Resumo, encontramos uma concepção de leitura na vertente discursiva da Análise de Discurso europeia e da Pragmática Integrada, vertente discursiva de linha americana. Foram citados como exemplos os estudos de Hosenfeld¹⁹ para respaldar o trabalho.

¹⁹HOSENFELD, C. A preliminary investigation of the reading strategies of successful and non-successful second language learners. **System**, v. 5, 1977.

TEXTO 2

Analisa as motivações e o sentido social que fazem com que as leitoras leiam com avidez os romances vendidos em bancas de jornais, como por exemplo, as séries *Julia, Sabrina...* **IV ENANCIB**. Brasília, 2000. GT 4 - Informação e Sociedade - Ação cultural

[...] leitura é uma experiência que um determinado sujeito **vivencia num certo momento**. A **leitura** tem a ver com a **subjetividade do leitor e é influenciada por um conjunto de variáveis sociais, motivacionais e circunstanciais**. [...] A leitura é um ato social, o que implica uma rede intrincada de valores e motivações, direcionando os pesquisadores para abordagens multidisciplinares. (Grifo nosso)

Comentário:

Nesse Resumo há demonstrações da concepção histórico-sociológica da leitura, percebida pelas articulações entre subjetividade, conjunto de variáveis sociais, motivacionais e circunstâncias do momento, que influenciam no sentido que o leitor confere à leitura.

TEXTO 3

Retrata o fato de que os programas de incentivo à leitura, no ambiente hospitalar, não oferecem a atenção necessária às crianças acometidas por neoplasia maligna e denuncia a sociedade capitalista por não as reconhecer como sujeitos da história. **IV ENANCIB**. Brasília, 2000. GT 4 - Informação e Sociedade

[...] **a leitura** como uma prática social que leva em conta a relação entre o leitor, o conhecimento e a reflexão sobre o mundo. Ressalta a oportunidade de trabalhar praticas **de leitura e práticas informacionais** num mesmo espaço social, permitindo a exploração minuciosa de fatos e eventos que marcam e constituem o mundo infantil. (Grifos do autor)

Comentário:

Esse Resumo evidencia a concepção histórico-sociológica da leitura, demonstrada pela relação do leitor com o conhecimento e a reflexão sobre o mundo. Também percebemos a prática da leitura associada à ideia de prática da informação.

TEXTO 4

Trata da compreensão da leitura em diferentes suportes. **IV ENANCIB**. Brasília, 2000. GT 3 – Mediação, Circulação e Uso da informação.

[...] Neste trabalho, procurar-se-á verificar como se **dá a compreensão e retenção dos conteúdos presentes nos textos** expositivos, apresentados nos formatos impresso tradicionais e de hipertexto impresso e eletrônico... [...] Espera-se verificar até que ponto a presença dos recursos oferecidos pelo hipertexto eletrônico, tais como textos contendo assuntos variados, gravuras, imagens em movimento, sons, entre outros, pode influenciar no processo de **compreensão da leitura**. (Grifo nosso)

Comentário:

Nesse Resumo observamos a vertente formalista da leitura com o sentido entendido como imanente ao texto, ou seja, com o sentido inscrito nas palavras para ser “compreendido” e “retido” pelo leitor.

TEXTO 5

O estudo apresenta uma seleção de conceitos de leitura pesquisados em trabalhos sobre a biblioteca escolar, publicados em periódicos e anais de encontros da área de Biblioteconomia. **V ENANCIB**. Belo Horizonte, 2003. GT 4 - Informação e sociedade/Ação cultural.

“... tratada como ‘hábito’, como mero comportamento reflexo capaz de ser promovido mediante expedientes artificiais, desvinculada dos conflitos permanentes da dinâmica social, a leitura vê-se ironicamente encerrada nos interesses que pretendem promovê-la, levada a dilemas cuja saída acaba sendo apenas o inconsequente ativismo tecnicista ou a resignada e silenciosa espera por tempos melhores” (PERROTTI, 1990, p. 82). Para Ezequiel Silva, [preocupado com a dimensão pedagógica da biblioteca] isso significava que o bibliotecário tinha que “possuir um amplo repertório de leituras”, que servisse para orientar intelectualmente os usuários e para dimensionar a qualidade do acervo. (SILVA, 1986b, p. 94)

Comentário:

Nesse trabalho o conceito de leitura é visto principalmente através da ação pedagógica na biblioteca e em sala de aula.

O autor não explicitou uma concepção de leitura a qual defendesse e apenas recuperou citações, não havendo reflexões a respeito das correntes de leitura citadas, como por exemplo, justapondo sem crítica aquelas que são divergentes entre si, como Perrotti (1990)²⁰ e Silva (1986)²¹.

²⁰ PERROTTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

²¹ SILVA, E. T. A dimensão pedagógica do trabalho do bibliotecário. In: _____. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986. p. 67-83.

_____. Pedagogia da leitura: a dimensão educativa do trabalho biblioteconômico. In: _____. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1986. p. 85-101.

TEXTO 6

Trata-se de uma abordagem histórica da transmissão cultural entre os séculos XIII e XIV, através de representações de livros e leituras, na Itália das cidades mercantis. **V ENANCIB**. Belo Horizonte, 2003. GT 8 - Epistemologia e Ciência da Informação.

A leitura dos poucos se transforma em imagem dos muitos: a representação da intimidade das Virgens e Santas empenhadas na tarefa de ler o próprio objeto, o “livro” representado em sua materialidade, constituem uma referência visual mais do que uma realidade concreta, acessível ao grande público. (p. 5)

A leitura é a imagem do poeta, protagonista de sua obra, “contada” na primeira pessoa. O destino individual e o destino coletivo se encontram na encruzilhada entre textualidade escrita e visualidade, entre leitura e narração, componentes inseparáveis da prática de leitura da época. (p. 3)

Para utilizar um “anacronismo controlado”, [as bibliotecas da elite eclesiástica são lugares sagrados] e de **interface** com novos públicos de “leitores”. A obra [de Dante] poderia ser considerada como o **hipertexto possível da época**. (p. 7. Grifos do autor)

Comentário:

O autor não expressa uma concepção de leitura em relação à produção de sentidos do texto, também não citando autores que tratam da temática.

O texto versa sobre “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri, e as “Confissões de Santo Agostinho.” Há um relato da “leitura dos amantes”, recitada e gestual, em contraponto à “leitura silenciosa e meditativa” descrita por Santo Agostinho. Nas referências foi incluído Chartier (1999, 2001)²², mas não houve citação direta ou indireta desse autor no corpo do texto.

²² CHARTIER, Roger. **A aventura do livro** - do leitor ao navegador. São Paulo; Unesp, 1999.
_____. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

TEXTO 7

Estudo em que o objetivo foi descrever a leitura e a escrita, com amostras coletadas em uma Escola Politécnica e em uma Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de uma Universidade Federal. **V ENANCIB**, Belo Horizonte, 2003. GT – 4: Informação e sociedade e Ação cultural.

A leitura representa, então, uma tecnologia destinada à análise, à interpretação e à interiorização do pensamento materializado pela escrita e, portanto, é favorecedora do processo de ampliação do próprio pensamento, envolvendo o estímulo visual e informações não visíveis, que estão no universo cognitivo do leitor. (KATO, 1995) Quando o sujeito, através da percepção visual, apreende o código escrito pode identificar as lacunas do texto ou de sua própria interpretação, ação possível pela “estabilidade” provisória que o registro confere à informação, permitindo o seu “manuseio” em movimentos de avanço e retorno às partes do texto, de acordo com as possibilidades cognitivas do leitor. (p.2)

[A] leitura parece também estar relacionada com informações não visíveis e pertencentes ao universo cognitivo do leitor. Quando estas são integradas às informações visuais, surgem possibilidades de previsões quanto ao que se pode encontrar no texto, o que representa um esforço que, segundo Kato (1995), se realiza na intencionalidade de uma melhor interpretação. (p. 14)

Comentário:

O autor apresenta uma concepção formalista da leitura, com o sentido imanente ao texto, para ser interpretado de acordo com a capacidade cognitiva do leitor. É respaldado teoricamente por Kato (1995)²³, que se refere à percepção visual, à interpretação, ou seja, a todo o universo cognitivo do leitor.

²³KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

TEXTO 8

Projeto de leitura em ambiente digital voltado para pessoas da terceira idade, tendo como objetivos identificar e analisar o processo cognitivo do leitor e da leitura. **V ENANCIB**. Belo Horizonte, 2003. GT - 3: Mediação, circulação e uso da informação.

[A escolha teórica da Semiótica Peirceana] se deveu ao fato deste campo de conhecimento privilegiar a compreensão do processo de constituição sógnica. Esta perspectiva teórica vem contribuindo para ampliar a compreensão dos processos de constituição de leitor e leitura pela Ciência da Informação. Ademais, verificou-se que a ciência mais adequada para analisar o fenômeno da leitura na interface com os sistemas digitais seria a semiótica Peirciana, na medida em que ela incorpora a dimensão do interpretante, um produto objetivo do signo, na compreensão dos processos de semiose.

Com relação às possibilidades de adoção da semiótica Peirciana como instrumento metodológico, Santaella salienta que, [...] para o mapeamento fenomenológico, ontológico e epistemológico de quaisquer campos de semiose, a semiótica Peirciana é poderosíssima. Já para a descrição de processos concretos de signos, sua teoria precisa do diálogo e da interação com teorias mais particulares e específicas [...] (p.5)

Comentário:

O autor expressa uma concepção formalista de leitura com ênfase na compreensão dos signos. O texto é respaldado pela Semiótica de Peirce, através dos estudos de Santaella (1999)²⁴.

²⁴SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, W. Imagem, texto e contexto. In: **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1999.

TEXTO 9

Explora a interdisciplinaridade da Ciência da Informação em relação à Educação e à Análise de Discurso, que também é um instrumento para a análise e a interpretação dos dados, conforme os estudos de Orlandi. Conclui-se que o discurso e as diversas práticas de leituras desenvolvidas no ambiente escolar devem preservar o diálogo, que é fundamental na formação de cidadãos-leitores. **V ENANCIB**. Belo Horizonte, 2003. GT 4 - Informação e Sociedade/Ação Cultural.

[...] Análise do Discurso é uma teoria que integra um método de análise que toma como objeto de estudo o **discurso** e seus efeitos de **sentidos entre os interlocutores**, estabelecendo uma relação entre o linguístico, o histórico e o social.

Nessa perspectiva de formação de leitores-cidadãos, a Educação desponta como parceira da Ciência da Informação e, a Análise do Discurso relaciona-se com ambas à medida que atribui sentidos, questiona e critica os modos de emissão, recepção e uso da informação. Neste estudo, **a AD permite interpretar os efeitos de sentidos (in)visíveis nas práticas informacionais de leitura** de um sistema de informação escolar, sendo possível observar certos aspectos da linguagem considerados na reflexão sobre essas práticas. (p. 7. Grifo nosso)

[A AD] procura problematizar as formas de reflexão estabelecidas pela linguística e que se debruça sobre a “determinação dos processos de significação” (ORLANDI, 1996, p.12). Essa metodologia de análise, segundo Orlandi (1998), parte da observação do uso da linguagem em suas determinações concretas, atentando para o fragmentário, o múltiplo e o histórico-social, para estabelecer sistematizações, sem perder de vista a singularidade do objeto observado. (p.12)

Comentário:

O autor traz a concepção de leitura na vertente da análise de discurso de origem europeia, e cita dois dentre os principais teóricos dessa vertente, que são Michel Pêcheux²⁵ e Eni Orlandi.²⁶

²⁵PÊCHEUX, Michel (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: UNICAMP. 1993.

²⁶ORLANDI, Eni Pucinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1998. 118p. (Coleção passando a limpo).
_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4.ed. São Paulo: Pontes, 1996.

TEXTO 10

Trata do estudo sobre os interesses de leitura de uma determinada população para reestruturação de uma Rede de Bibliotecas Públicas. **V ENANCIB**. Belo Horizonte, 2003. GT 3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação.

A nossa pesquisa tem como meta oferecer a oportunidade a esses moradores de experimentar **a leitura como conhecimento do mundo** e das **manifestações do comportamento humano**, segundo a sua imaginação e vivência anterior. (Grifo nosso)

Comentário:

O autor não explicita a concepção de leitura com a qual deseja respaldar o texto, nem cita autores que tratam da temática ao falar em leitura como conhecimento do mundo, a princípio utilizada por Paulo Freire. Outro autor citado foi Bamberger (1997),²⁷ mas não se referiu a uma visão de leitura, e sim, à capacidade de leitura de adultos, crianças e jovens de diversos países; através de pesquisa com dados coletados no Brasil e internacionalmente.

²⁷ BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Cultrix, 1977.

TEXTO 11

Relata a experiência de uma prática de leitura entre a sala de aula e a biblioteca em um Centro Educacional na década de 60. **V ENANCIB**. Belo Horizonte, 2003. GT 3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação.

[...] a prática leitora advém de um processo de sedução entre o leitor e o texto, no qual o ato de ler possibilite ao sujeito da leitura a **compreensão, assimilação** e transformação da informação adquirida em um novo conhecimento. (p.1. Grifo nosso)

Comentário:

Será feito em conjunto com os dois próximos textos.

TEXTO 12

A pesquisa investiga as práticas de leitura desenvolvidas na sala de aula e na biblioteca em um Centro Educacional, o mesmo espaço escolar do texto anterior, mas nas décadas de 70 a 90. **VI ENANCIB**, Florianópolis, 2005. GT - 3: Mediação, circulação e uso da informação.

Kato (2005) acredita que para vencer as práticas perversas adotadas no ensino da leitura [...] faz-se necessário tornar a escola um laboratório de observação, no qual a aprendizagem e não o método seja a maior preocupação do educador. (p.3)

TEXTO 13

Trata-se da mesma pesquisa abordada no texto anterior, ou seja, as práticas de leitura ocorridas na sala de aula e na biblioteca em um Centro Educacional, nas décadas de 70 a 90, introduzindo alguns conceitos de Kleiman. **IX ENANCIB**, São Paulo, 2008. GT03 - Mediação, Circulação e Uso da Informação.

[...] entende-se o domínio da leitura para além da decodificação de sinais, passando a ser “[...] então, uma via de acesso à participação do homem nas sociedades letradas, na medida em que permite a entrada e a participação no mundo da escrita” (SILVA, 1992, p. 64), permitindo assim a disseminação de novos produtos culturais criados pela sociedade. (p. 5) Na perspectiva da avaliação da atividade leitora [leitura em voz alta] como mecanismo de medir a compreensão do aluno acerca do texto lido, Kleiman (1996, p. 152-153) considera esta prática altamente inibidora, com consequências desastrosas para o desenvolvimento da capacidade de compreensão, pois “[...] a preocupação primordial da criança é com a decodificação, uma vez que, naquele momento, ela esta sendo avaliada neste aspecto pelo professor e pelos colegas”, ficando a construção do sentido prejudicada em detrimento da pronúncia correta. (p.14)

Comentário:

Reunimos esses três textos em um único comentário porque são as diferentes etapas de um mesmo estudo que relata atividades de leitura em sala de aula e na biblioteca de um Centro Educacional. Observamos uma concepção formalista da leitura com o sentido imanente ao texto, para ser compreendido, assimilado.

O autor abordou os aspectos cognitivos, respaldado por Kato (1995)²⁸ e Silva (1992)²⁹. Esses autores sugerem que o leitor deve seguir as pegadas do autor para compreender o sentido do texto. Os textos 12 e 13 representam a mesma pesquisa, sendo que apresentadas em anos diferentes, com algumas alterações no conteúdo. Nas referências do texto 13, por exemplo, a autora citou Kleiman (1996).³⁰

²⁸ KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

²⁹ SILVA, Ezequiel T. da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

³⁰ KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Pontes, 1996.

TEXTO 14

O estudo apresenta o almanaque como forma de mediação de leitura e informação, perpassando os modos de ler, narrar e informar nas sociedades contemporâneas. Foi amplamente divulgado no Brasil nas primeiras décadas do século XX, repleto de informações científicas, do saber popular e das crendices. **VI ENANCIB**. Florianópolis, SC, 2005. GT - 3: Mediação, Circulação e Uso da Informação.

E, continuando a corrente (um elo leva ao outro, liga-se ao outro: memória ↔ linguagem ↔ sujeito é um dos caminhos possíveis nesse mapa), a reflexão sobre outro elemento constituidor que conecta os dois campos desse estudo: a questão da interpretação e seu contraponto na questão da representação. A luta entre a **produção de sentidos, de significação, e a decodificação dos significados**, a decifração. O que levará a um outro constituidor essencial tanto na informação, quanto na leitura, que é a questão da construção versus essencialidade. (p.3. Grifo nosso)

[...] leitura e informação são territórios de **(re)significação**, destacam-se as práticas leitoras e as ambiências de leitura como fundamentais para construir as tais redes afetivas propiciadoras da transformação. E também a inserção do fazer com os acervos pessoais na tessitura destas mencionadas redes afetivas. (p.4. Grifo nosso)

[...] uma política de reformulação de **práticas de informação e de leitura** é necessária, orientada não à recuperação ou mesmo à criação de uma realidade supostamente ideal nas sociedades da informação, mas muito mais à criação inventiva de um conjunto de práticas compartilhadas a partir da criação de comunidades de afeto com forte opção política, no sentido anteriormente aludido nesse texto.

Elas, as comunidades afetivas, parecem ser muito mais propícias a **constituir o movimento impulsionador dos gestos de leitura e** informação hipertextuais nas sociedades de hoje... (p.10. Grifo nosso)

Comentário:

Podemos perceber que, neste texto, o autor apresenta uma concepção discursiva, acionando concepções da análise de discurso europeia, demonstrada por expressões tais como a “construção da leitura” e a “produção de sentidos.” Mesmo não citando teóricos sobre a análise de discurso, há marcas dessa concepção presentes em todo o texto.

TEXTO 15

Estudo que pretende contribuir para o entendimento da leitura através da Ciência Cognitiva e sua aplicabilidade na Ciência da Informação. **VII ENANCIB**. Marília. Anais... Marília, 2006. GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação.

[...] a ciência da informação possui olhar próprio sobre essa prática [da leitura]... [um] **enfoque diferenciado quanto ao trato à leitura**. [sic] [...] Por ter como base fundamental **proporcionar ao sujeito a informação que lhe interessa**, que vai de encontro às suas necessidade [...] a **ação leitura** na área de ciência da informação é evidenciada quase que como **uma estratégia**, via pela qual se atinge o conhecimento desejado. [...]

[...] três motivos considerados propulsores da leitura e a sua verdadeira efetivação: o **contexto do leitor**, a **sua subjetividade** e o seu muito exclusivo "**fazer sentido**" à leitura (grifo nosso). Assim, o leitor será capaz de fazer a interpretação global do texto, que será finalmente percebido, ou seja, é ele que instiga a capacidade de interpretação, de reflexão, propicia a leitura elaborada de situações "dúbias". Complementa-se ainda que a leitura é a relação dialógica entre o mundo do texto e o mundo do leitor. Para que esse encontro se efetive, não é necessário possuir somente competência técnica — indispensável, mas insuficiente. Torna-se ainda necessária a capacidade de saber integrar esses dois universos. Ousa-se até a afirmar que tal diálogo seja a essência da integralidade da ação leitura. E vista pela perspectiva da ciência da informação. (p. 10.)

Comentário:

O autor explicita uma concepção de leitura da vertente histórico-sociológica que aceita os conhecimentos prévios, a motivação, o contexto e a historicidade do leitor e do texto. Considera a concepção de leitura como o diálogo entre o autor, expresso pelo texto, e o mundo do leitor, composto por suas vivências. Relaciona a leitura e a cognição, considerando o contexto do leitor, sua subjetividade e o sentido o leitor que atribui ao que foi lido, mesmo não citando autores que tratam de leitura enquanto produção de sentidos.

TEXTO 16

Trata da leitura de imagens na Literatura Infantil e considera que ainda há dificuldades na leitura dessas imagens, apesar dos estímulos visuais oferecidos pelas tecnologias. **VIII ENANCIB**, Salvador, 2007. GT 3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação.

O processo de leitura, em qualquer suporte, é, por natureza, semiótico. A semiótica caracteriza-se como um sistema interpretativo que se define pela passagem contínua de signo a signo [...] a leitura desenvolve-se a partir de experiências, **interpretações de signos** anteriores e está sempre em processo de construção e dependente de novos signos para seu aperfeiçoamento. (p. 5. Grifo nosso)

O leitor infantil pode, diante da multiplicidade incontrolável de informações imagéticas, ser conduzido ao estado que em semiótica se designa primeiridade, ou seja, a pura consciência imediata, não analisável; passam a predominar as imagens ligadas à consciência, sem que ainda haja uma consciência propriamente dita. (SANTAELLA, 1990, p. 145)

Comentário:

O autor apresenta uma vertente formalista com o sentido inscrito no texto, traz marcas como a da interpretação e busca respaldado principalmente pelos estudos da Semiótica elaborados por Santaella (1990)³¹.

³¹ SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Coleção primeiros passos, 103).

TEXTO 17

Discute a função das bibliotecas públicas como espaços de informação e leitura na construção e no fortalecimento da cidadania em um estado da região Norte do país. **IX ENABCIB**. São Paulo, 2008. GT 5 – Política e Economia da Informação.

Como pensar processos de desenvolvimento sem **espaços de informação e de leitura**? Ao se compararem índices de leitura com desenvolvimento sociocultural, não se pode deixar de avaliar a existência de espaços de informação e de conhecimento que garantem a construção de leitores. [...]

Quando nos referimos à **falta de informação e de leitura**, estamos chamando a atenção para a ausência de espaços que se transformem em lugares de inclusão de segmentos populacionais que não têm acesso aos canais de formação continuada e de espaços de informação e leitura (bibliotecas, salas de leitura, pontos de cultura, livrarias, museus, cinemas). Essas instituições oportunizam a **apropriação de conhecimentos a partir de leituras livres e direcionadas...** (TEXTO 16, 2008, p. 3. Grifo nosso)

Comentário:

O autor não expõe uma concepção de leitura, tampouco cita autores que tratam dessa temática. A leitura aparece como uma oportunidade para a apropriação do conhecimento, uma característica da visão formalista que entende o sentido inscrito no texto, pronto para que o leitor faça a 'extração da mensagem'.

TEXTO 18

Questiona o uso excessivo da leitura de textos fotocopiados por alunos universitários. A investigação se deu por meio de um estudo de caso, com observação direta e intensiva da amostra composta por três turmas de uma disciplina ministrada em um curso de graduação. **IX ENANCIB**. São Paulo, 2008. GT – 3: Mediação, Circulação e Uso da informação.

[...] na **leitura busca-se relacionar o que está sendo lido com os conhecimentos prévios, com as outras leituras já feitas, com as experiências vividas** [...] (p. 10. Grifo nosso)

[A relação entre a leitura e as experiências pessoais] convoca o estudante a assumir o lugar desafiador de sujeito responsável pela construção de seu próprio conhecimento, também fortalece o afeto para com o trabalho em curso e os laços de cumplicidade com o docente [...] (p. 10)

Comentário:

O autor não apresenta uma concepção de leitura, no entanto, o texto traz marcas de uma vertente histórico-sociológica da leitura, nas quais verificamos que o sujeito depende das experiências acumuladas para tornar-se o protagonista do processo pessoal e autônomo de desenvolvimento da leitura e do conhecimento. Não são apresentados teóricos sobre a leitura.

TEXTO 19

Este trabalho trata da mediação da leitura com alunos da disciplina Epistemologia e Ciência da Informação, ministrada em um curso de pós-graduação em Ciência da Informação. Observa que a Epistemologia em geral, e particularmente a da Ciência da Informação, assim como a Filosofia, envolvem a leitura de textos considerados de natureza complexa. **XIII ENANCIB**. Rio de Janeiro, 2012. GT-6: Informação, Educação e Trabalho.

A interpretação de um enunciado envolve a construção de uma representação mental, dela fazem parte “[...] não somente o processamento e interpretação de informações exteriores, mas também a **ativação e uso de informações internas e cognitivas** do processo de construção dessa representação.” (VAN DIJK, 1992, p.15-19. Grifo nosso) “Um texto se constitui enquanto tal no momento em que os parceiros de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, pela atuação conjunta de uma complexa rede de fatores de ordem situacional **cognitiva**, sociocultural e interacional, são capazes de construir, para ela [manifestação linguística], determinado sentido.” (KOCK, 1997, p. 25. Grifo nosso)

Ler é um ato cognitivo que implica uma série de etapas: análise (analisar o texto – estrutura e conteúdo- para poder compreendê-lo); **compreensão** (compreender tanto o sentido do texto quanto o significado das palavras); **interpretação** (captar ideias e sentimentos que o autor quer transmitir); tratamento (tratar a informação usando técnicas – resumos, esquemas, mapas, etc., que facilitem a posterior aprendizagem) e aprendizagem (aquisição do conhecimento).

A partir dessas etapas o leitor alça-se a uma **leitura recuperativa**, mais reflexiva, cuidadosa e ativa, **centrada** nas distintas epígrafes do texto e nas suas seções chave: objetivos, metodologia, resultados e conclusões. (Grifo nosso) E, desse modo, o leitor transcende a mera descrição, apresentando opiniões, e respondendo, com base no que está escrito, sua proposta pessoal, atingindo o patamar de uma leitura crítica, cujas características são: relacionar diversos textos, indicando suas diferenças e contradições; não tomar o escrito “ao pé da letra” e procurar explicitar os valores e teorias que dão forma e colorido à leitura, em um processo de **reorganizar, inferir e avaliar**. (p.9. Grifos do autor)

Comentário:

O texto apresenta uma concepção formalista de leitura com o sentido expresso no texto. O leitor compreende, interpreta e “capta as idéias e sentimentos do autor”. Quanto ao sentido do texto, o respaldo teórico é principalmente de Van Dijk (1996)³² e Koch (1997).³³

³² DIJK, T. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto. 1996.

³³ KOCK, I.V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Linguística-Contexto, 1997.

TEXTO 20

Tem o propósito de mostrar o valor da Biblioteca do Mosteiro de São Bento, em São Paulo, através de fragmentos da história e da cultura monástica medieval entre livros. **IX ENANCIB**. São Paulo, 2008. GT 03 - Mediação, Circulação e Uso da Informação.

Ainda que sob uma imensa **variação e relativização** bibliotecas não deixam de ser espaços informacionais destinados aos livros, ao saber, ao conhecimento e também à **prática da leitura**... (p. 2. Grifo nosso)

[O] catálogo indica parcialmente as **preferências de leitura** [...] o predomínio de obras de História Profana e de Monarquismo [são] elementos condicionantes do estudo das **preferências de leitura**. (p. 6. Grifo nosso)

[...] ainda torna-se uma difícil tarefa supormos o que os monges **aprendiam das leituras** realizadas na época. (p. 7. Grifo nosso)

Comentário:

Será elaborado juntamente ao próximo texto.

TEXTO 21

O estudo procura mostrar as características da leitura entre os beneditinos, e aponta os tipos mediação e de leitura que ocorreram, a partir da Regra de São Bento, em um contexto monástico-medieval. **XIV ENANCIB**. Florianópolis, 2013. GT 3 - Mediação, Circulação e Apropriação da Informação.

[...] mosteiro é um **espaço informacional por excelência**, notadamente a sua biblioteca: coleções [...] e **a informação é disponibilizada** para os diferentes tipos de usuários [...] (p. 1. Grifo nosso)

[...] formas de **apropriação da informação** a partir da leitura oralizada, [...] e [da] leitura silenciosa, constituída por uma **autonomia de sentido...** (p. 10. Grifo nosso)

[...] **leitura e fruição** estariam em uma relação de exclusão mútua. (p. 11. Grifo nosso)

[...] compreensão dos **processos de circulação, e apropriação da informação no ambiente** monástico medieval... (p. 13. Grifo nosso)

[...] questões inerentes aos estudos de **mediação e de apropriação da informação** já que este documento histórico menciona a **leitura** e as suas formas de **mediação** em inúmeros capítulos. [...] Bíblia, de modo a ser **símbolo de leitura intensiva e instrumento de uma mediação que é tanto informacional quanto espiritual**. (p. 16. Grifo nosso)

Comentário:

Esses dois textos são analisados em um comentário, pois foram elaborados pelo mesmo autor e tratam das práticas de leitura monásticas dos Beneditinos na Idade Média.

O autor não explicita uma concepção de leitura, citando apenas autores relacionados à história da leitura. Nos textos, a leitura é tratada como apropriação da informação, marca que indica a visão formalista da leitura com o sentido expresso no texto. Termos contemporâneos como preferências de leitura, espaço informacional por excelência, espaço mediador, mediação da leitura, autonomia dos sentidos e leitura e fruição, tornam-se anacrônicos ao tratarem da leitura no século XVII.

TEXTO 22

O estudo trata da importância das histórias em quadrinhos como incentivo ao gosto pela leitura, e também discute a possibilidade dessa linguagem gráfica ser acolhida pelas práticas biblioteconômicas e pedagógicas atuais. **X ENANCIB**. 2009. João Pessoa, 2009. GT 3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação.

A premissa que encaminha estas reflexões teóricas [a relação entre a participação social e a cultura letrada] é a de que *existe uma ligação entre o pleno usufruto da produção material e cultural da sociedade e o desenvolvimento de habilidades, competências, hábitos e gostos no âmbito da leitura*. Esta relação não se manifesta apenas na ampliação dos horizontes cognitivos, das possibilidades de fruição e felicidade, mas também nas oportunidades concretas de empregabilidade, na prática política, no melhor dimensionamento das funções sociais, no desenvolvimento de aptidões economicamente produtivas e na melhoria da qualidade de vida. (p. 1)

Os PCN de Língua Portuguesa³⁴ também mencionam os quadrinhos. No caso do Ensino Fundamental, isso é feito com referência à [...] (p. 8)

Os PCN para o Ensino Médio destacam [...] que tanto as charges como os cartuns e as tiras, constituem “dispositivos visuais gráficos que veiculam e discutem aspectos da realidade social, apresentando-a de forma crítica e com muito humor” (p. 8. Grifos do autor)

O vínculo com a leitura, seja ela de cunho profissional ou de entretenimento, é precedido pela familiarização, repetição, formação e hábitos e obtenção de prazer, **processos que são potencializados, em todo ou em partes, pela disponibilidade e leitura de histórias em quadrinhos**. (p. 12. Grifos do autor)

A formação do leitor só chega ao seu amadurecimento pleno se o indivíduo gostar de ler. Ou seja, o vínculo emocional é um elemento imprescindível na proficiência de leitura. As histórias em quadrinhos, além da facilidade da veiculação de conteúdos complexos aos leitores novatos, amadurecem também a relação emocional entre o leitor e a sua leitura. (p. 12)

Comentário:

Ao lado de uma concepção idealizada da prática da leitura, ela não é conceituada no texto. Mas, a imagem de uma “veiculação” pelos dispositivos gráficos é próxima da abordagem imanente dos sentidos do texto.

³⁴ PARÂMETROS Curriculares Nacionais. Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.fnede.gov.br/home/index.jsp?arquivo=pcn.html>>. Acesso em 24. abr. 2009.

TEXTO 23

Pesquisa realizada com jovens em um projeto de inclusão digital com o objetivo de analisar a leitura sobre o que é apresentado na internet, assim como seu uso cotidiano e o acesso pelos jovens. **X ENANCIB**. João Pessoa, 2009. GT 3 - Mediação, circulação e uso da informação.

Como objetivo principal da pesquisa, buscou-se analisar os elementos presentes no que é “dado a ler” no ciberespaço, por meio dos museus e bibliotecas digitais. Partiu-se da perspectiva de compreender as representações de leitura e apropriações do saber de jovens leitores. (p. 1)

[...] o leitor segue percursos interativos e não lineares de leitura, imagens e sons por meio de *links*, que os convida para muitas viagens interativas. (p. 4)

Comentário:

Não é apresentado um conceito de leitura, embora percebamos uma vertente formalista com o sentido imanente ao texto, pois a autora trata da “apropriação do saber”, mesmo mencionando a relação entre o sujeito e os processos socioculturais, com ênfase na mediação da leitura. As referências trazem autores que tratam da leitura virtual e da história cultural da leitura.

TEXTO 24

O estudo trata dos elementos ligados ao imaginário sobre livros no início do milênio, e discute as relações com as novas tecnologias; mostra como as representações se tornam mediadoras dessa articulação em seu encontro com o público “leitor”, revelando atitudes e valores atribuídos ao livro em um quadro histórico de “horizontes das expectativas” sociais. **X ENANCIB**. João Pessoa, 2009. GT 3 - Mediação, uso e circulação da informação.

O prisma de observação das representações dos livros e da leitura oferece várias perspectivas: o livro como objeto físico ou mental; o livro evocado... (p. 2)

É na perspectiva de quadros sociais de referência, os quais fornecem sentido e legitimidade às práticas culturais, que devem ser observadas as representações da leitura no cotidiano como forma de apropriação simbólica do objeto livro e do ato da leitura. Se considerarmos as representações como capazes de realizar a operação simbólica de estabelecer uma relação entre “usuários” e “conhecimentos”, o caráter de mediação social dessas representações se tornará evidente. Elas são mediadoras no sentido de concretizar, em suas iconografias e palavras, o horizonte das expectativas sobre livro e leitura, entendido como acordo entre a oferta (a representação do livro e da leitura como “texto”) e a demanda (as expectativas do público “leitor” das representações), considerando que o autor da representação já traz implícitos elementos dessa representação. (p. 16.)

Comentário:

O autor não apresenta no texto uma concepção teórica de leitura, tampouco visões de autores sobre essa temática. São tratadas representações sobre a leitura, usando conceitos da hermenêutica gadameriana e da Teoria da Estética e da Recepção para respaldar essas representações sociais sobre o livro e a leitura.

TEXTO 25

O texto aborda a leitura enquanto produção de sentidos, em um projeto de leitura propiciado por uma biblioteca itinerante em um assentamento rural. **XI ENANCIB**. Rio de Janeiro, 2010. GT - 3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação.

[...] concordamos com alguns postulados muito caros à teoria discursiva, quais sejam, o de que o sentido se constrói junto com o sujeito-leitor (ORLANDI, 1999), o de que exterioridade constitui o modo de o sujeito atribuir sentidos ao que lê, o de que os gestos de interpretação são determinados pela posição que o sujeito ocupa. (p. 2)

[A memória] é da ordem do discurso, nomeada como condição do dizível e como saber discursivo, que sustenta cada tomada da palavra (ORLANDI, 2006). Nessa perspectiva, é a memória que sustenta a possibilidade de dizer e de significação dos múltiplos sentidos dos documentos, garantindo que o sujeito leia alguns sentidos e não perceba outros. Isso tem relação com o arquivo tal como Pêcheux (1982) o define, [...] se o sujeito tem acesso a um campo rico e variado de documentos [que lhes são significativos], terá mais condições de construir sentidos sobre o que se mostra na materialidade linguística [...] (p. 4)

[...] visa-se construir uma relação profícua e dinâmica entre os leitores, os livros e os movimentos de sentidos sobre leitura; ao adotar esta postura, a biblioteca abre espaço para a concepção proferida pela Análise do Discurso (AD), em que “a leitura é um ato cultural em seu sentido amplo, que não se esgota na educação formal tal como esta tem sido definida. Deve-se considerar a relação entre o leitor e o conhecimento, assim como a sua reflexão sobre o mundo” (ORLANDI, 2003, p. 210. Grifos do autor) (p.5)

Comentário:

O autor apresenta uma concepção de leitura na vertente da análise de discurso de linha europeia. Para a análise de discurso, os sujeitos, o discurso e os objetos são constituídos em um mesmo processo que compreende a leitura como produção de sentidos e a possibilidade de diversas relações entre a linguagem, o contexto sócio-histórico do leitor e as redes de memória. O autor respalda seu trabalho com autores da análise de discurso de vertente europeia, citados nas referências, como por exemplo, Pêcheux (1982)³⁵ e Orlandi (2003, 2006)³⁶.

³⁵ PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. **Gestos de leitura**. Campinas: Unicamp, 1982. p. 55-66.

³⁶ ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. **Introdução às Ciências da Linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

TEXTO 26

Trata da narração de leituras pelo bibliotecário, considerando-o um mediador oral que contribui para a formação do hábito de leitura. Apresenta o que nomeia de quatro pilares que o bibliotecário deve conhecer para que possa assegurar a unidade textual e dar brilho às narrativas orais. São esses os pilares: a voz, o corpo, o espaço e a presença. **XII ENANCIB**. Brasília, 2011. GT 3 - Mediação, uso e circulação da informação.

Na leitura oral há um envolvimento coletivo, mas permite liberdade de interpretação para cada leitor-ouvinte, transformando-o em coautor. Acreditar nessa manifestação coletiva é acreditar na concretização das presenças, tanto do leitor-narrador, quanto do leitor-ouvinte. (p.808)

“Entre o consumo, se posso empregar essa palavra, de um texto poético escrito e de um texto transmitido oralmente, a diferença só reside na intensidade da presença”.

[...] Vozes que saem de um corpo e vão produzindo som (que trazem encantamento), palavras (que permitem jogos), sussurros (que ditam segredos), gritos (que fazem denúncias), silêncio (que ocultam dizeres). (p. 809)

Comentário:

O autor não explicita uma concepção de leitura, assim como não apresenta autores que conceituem leitura. Considera o contador de história como mediador oral, apresenta técnicas de narração de histórias e ressalta que não há neutralidade nesta atividade, visto que o mediador usa a emoção para transmitir um texto e dar ênfase à obra e ao autor.

TEXTO 27

Tem como objetivo apresentar as lendas de um determinado estado da região Sudeste do Brasil em um ambiente virtual, observando que pelo viés da Ciência da Informação, torna-se interessante uma equipe trans e interdisciplinar para trabalhar com esse tema. **XIII ENANCIB**. Rio de Janeiro, 2012. GT 3 – Mediação, circulação e apropriação da informação.

Ler permite o acesso a um mundo de vivências social, histórica, ambiental, humana e outros vetores, nos quais a imagem (a leitura de mundo) que o espelho reflete pode ser considerada como a informação mediada pelos textos e contextos que registram experiências, informações e conhecimentos humanos na forma da oralidade, registro, imagens e assim por diante: “a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo” (LEFFA, 1996, p. 10). Freire (1997, p. 11) possibilita registrar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra: “[...] primeiro, a “leitura” do mundo do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi à leitura da palavra mundo”. (p. 6)

Comentários:

O autor não explicita uma concepção de leitura. Respalda o texto principalmente em Leffa (1996)³⁷ que apresenta uma visão formalista na qual o texto é uma engrenagem em que o leitor se deva encaixar para encontrar o sentido. Essa visão formalista não se coaduna com o pensamento de Paulo Freire (2006),³⁸ que nos apresenta a pedagogia da autonomia e encoraja, respeitando a cultura do leitor, que este último seja o protagonista da própria leitura e da construção de sentidos.

³⁷ LEFFA, Wilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: DC Luzzato, 1996.

³⁸ FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

TEXTO 28

O estudo articula a leitura e a Ciência da Informação no trato com as experiências, as histórias e a ação de ler desenvolvidas por Organizações Não Governamentais (ONG) com crianças e adolescentes em situação de risco. Busca evidenciar a necessidade de ampliar, na Ciência da Informação, os estudos relacionados à cidadania, à leitura no contexto da educação não formal e o acesso da leitura às chamadas minorias os “desprivilegiados social, política e culturalmente”. **XIV ENANCIB**. Florianópolis, 2013. GT - 3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação.

Martins (1994) adverte que, apesar do sentido de leitura ser amplo, é preciso ressaltar que o ato de ler proporciona experiências peculiares. Uma delas é a oportunidade do leitor instigar sua imaginação, substituir a própria subjetividade por outra e, assim, apreender incorporar vivências e sensações até então desconhecidas, que faltavam em sua vida pessoal.

Isso os leva a crer que o leitor acaba encontrando na leitura uma alternativa de se libertar e atenuar os próprios sofrimentos. (p. 16)

No intuito de subsidiar as análises desse eixo temático, revisitamos Freire (1982), para se manifestar sobre o assunto. O autor considera a leitura como uma **prática de intervenção social que ao mesmo tempo em que ela capacita as pessoas a dimensionar seu lugar na sociedade**, permite o desenvolvimento do pensamento crítico para habilitá-las a decidir sobre seus direitos e melhoria da qualidade de vida, ou seja, a leitura não resolve problemas sociais e/ou pessoais, porém se constitui em um recurso essencial para interagir com o real, interpretá-lo e compreendê-lo. (p.16)

Quando o ambiente é alheio à leitura, as crianças e os jovens têm mais dificuldade de despertar o gosto pela leitura e de se tornar leitores, capazes de ler criticamente textos com conteúdos adequados à faixa etária e a vivência, de **compreender o valor da leitura como fonte de saber e de entretenimento**. (KLEIMAN, 1989, p. 16. Grifo nosso)

Comentário: (na próxima página)

Comentário: O autor não expressa uma concepção de leitura e cita autores sem estabelecer uma relação dialógica entre eles; inclusive justapõe autores com visões divergentes entre si, como por exemplo, Freire (1982)³⁹, que considera a leitura como uma prática de intervenção social que pode e deve valorizar o saber popular, preparando o indivíduo para que seja o protagonista do próprio espaço social, e Kleiman (1989)⁴⁰, citada sublinhando a direção cultural inversa: compreender a leitura como fonte de saber. Além desses autores, o autor também busca respaldar o texto em Martins (1994)⁴¹ (citada no corpo do texto, mas não inserida nas referências).

COMENTÁRIOS GERAIS

“Agora já não é possível texto sem contexto.”
(Paulo Freire, 2011, p.43. 51. ed.)

Ao lançarmos um olhar panorâmico sobre o universo de vinte e oito textos que tratam da leitura com objetivo cultural e, analisando esse universo quanto à produção de sentidos, percebemos que a leitura, mesmo que seja imprescindível e atravesse as práticas do campo informacional, continua inexpressivamente abordada e, quando se torna objeto de pesquisa, boa parte dessa produção (22%) a trata de forma aparentemente naturalizada, sem a apresentação das bases teórico conceituais.

Quanto às vertentes teóricas buscadas, quase a metade do *corpus* (43%) apresentou ou demonstrou partilhar de uma concepção formalista da leitura, considerando o sentido como imanente ao texto, pronto para que o sujeito venha “apropriar-se” da informação ou do conhecimento, tal como foi expresso nas diversas vertentes listadas no Capítulo teórico.

Fazemos um paralelo entre a concepção formalista e a naturalização da produção de sentido na leitura, pois, ainda que esta não proponha conceitos e metodologias complexas como os formalistas, a ausência de problematização sugere que o sentido ‘pertença’ ao texto.

³⁹ FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez,

⁴⁰ KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Fontes, 1989.

⁴¹ MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Isso nos leva a entender que a produção científica da área predominantemente concebe a leitura como extração de sentidos do texto, pois juntas totalizam 65% dos trabalhos – percebendo, assim, o leitor como mero seguidor das pegadas do autor para extrair do texto o que este último desejou enunciar.

Outro indício que também pode demonstrar uma naturalização da leitura é a ocorrência de muitos trabalhos que apresentam abordagens diversas sem que o autor evidencie a concepção por ele abraçada; ou então, apresente essas abordagens de leitura sem qualquer cotejo entre os autores, sem menção às suas filiações teóricas, inclusive citando, sem contestar, autores divergentes entre si nas questões relacionadas à leitura e à produção de sentidos.

Quanto à visão histórico-sociológica, presente em 17,8%, dos trabalhos e à análise do discurso, com 14,8%, formam juntas quase um terço da produção científica sobre o tema. Isso indica que o campo informacional majoritariamente não percebe autor, leitor, texto e contextos como ‘co-acontecimentos’, na mesma situação socio-histórica, cultural e ideológica.

Se por um lado percebemos que uma conceituação para leitura aparece subestimada, por outro, uma quantidade expressiva de textos demonstra uma visão salvacionista da leitura (FREIRE, 2011), conforme vemos nos seguintes exemplos:

A premissa que encaminha estas reflexões teóricas [a relação entre a participação social e a cultura letrada] é a de que *existe uma ligação entre o pleno usufruto da produção material e cultural da sociedade e o desenvolvimento de habilidades, competências, hábitos e gostos no âmbito da leitura*. Esta relação não se manifesta apenas na ampliação dos horizontes cognitivos, **das possibilidades de fruição e felicidade, mas também nas oportunidades concretas de empregabilidade, na prática política, no melhor dimensionamento das funções sociais, no desenvolvimento de aptidões economicamente produtivas e na melhoria da qualidade de vida**. (TEXTO 22, 2009, p.1. Grifo nosso)

[...] o ato de ler proporciona experiências peculiares [...] incorporar **vivências e sensações** até então desconhecidas, que **faltavam** em sua **vida pessoal**. Isso os leva a crer que o leitor acaba encontrando **na leitura uma alternativa de se libertar e atenuar os próprios sofrimentos**. (TEXTO 28, 2013, p.16. Grifo nosso)

Segundo Paulo Freire, a visão salvacionista é o efeito de uma concepção elitista e autoritária da leitura. Nessa concepção, não são consideradas a sabedoria popular, tampouco as genuínas manifestações da cultura do povo.⁴²

⁴²É neste momento, segundo Freire (2011, p. 44-5. 51. ed.), que as bibliotecas populares mostram-se relevantes, ao assumirem uma posição crítico-democrática e realizarem atividades que envolvam a comunidade e, inclusive, integrem informações sobre memória e a cultura local aos seus acervos.

A tendência salvacionista da leitura também está incluída na formação discursiva nomeada “Culturalista Erudita” por Freitas (2003, p.2), que juntamente a outras tendências, imperaram no “discurso da Ciência da Informação até o final dos anos 80”. Freitas (1994), analisando a literatura biblioteconômica sobre leitura, indicou essa predominância. Esse viés elitista também foi denunciado por Edmir Perroti (1990) ao investigar a literatura sobre leitura infantojuvenil, mostrando que até a década de 50 era quase “natural” que a leitura fosse concebida como atividade restrita a uma reduzida parcela da população pertencente à elite.

Outra característica dos textos é falar da leitura como fonte de apreensão de conhecimentos e até na “introjeção” de conhecimentos, expressando que o texto está ali, pronto para que o sujeito faça a extração do sentido, ou capture o pensamento do autor. Entretanto, não consideramos passivos os sujeitos da leitura; podemos transcender esta visão reducionista e pensar em uma construção do sentido do texto que possibilite a ampliação do conhecimento, pois afinal, autor, texto, leitor e contexto estão interligados em teias de sentidos e, acreditamos, os leitores são atores ativos e protagonistas de suas próprias histórias de leitura e de sentidos.

Em se tratando dos Grupos de Trabalho, dezessete (60,7%) trabalhos foram apresentados no GT 3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação, que foi iniciado em 2005 e permanecendo sem alterações no tema.

Tendo em vista esses dados sobre concepções de leitura adotadas pelo campo informacional, percebemos que a área requereria maior problematização e aprofundamento dos gestos de leitura, tão centrais no campo.

Sublinhamos que dados similares foram encontrados na pesquisa de Nunes (2014) na qual a autora igualmente constatou, através do mesmo campo empírico, que a maioria dos trabalhos abordava a temática leitura de maneira superficial e sem respaldo teórico consolidado. Em Nunes (2014), também encontramos a naturalização na leitura denominada “técnica” ou “documentária”, em estudos pertencentes ao Grupo de Trabalho sobre Organização do Conhecimento (GT 2)⁴³.

⁴³ No levantamento, Nunes (2014) encontrou entre os 344 trabalhos do GT 2, 100 sobre Análise documentária e, dentre eles, apenas 22 abordaram a leitura nessa atividade, no período de 1994 a 2012.

6 CONCLUSÃO

“Não há corpo que não esteja investido de sentidos e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos de subjetivação nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos. Dessa forma é que pensamos que o corpo do sujeito é um corpo ligado ao corpo social e isto também não lhe é transparente.”

(Orlandi, 2012b, p. 10)

Retornando sobre os nossos passos, verificamos que os objetivos específicos foram alcançados, pois essa investigação nos possibilitou evidenciar a frequência histórica da temática leitura nos ENANCIB; sistematizar as principais visões de leitura para posterior análise e observar as linhas teóricas das abordagens da leitura presentes nos trabalhos apresentados nesse evento. Assim pudemos atingir o nosso objetivo geral, que foi conhecer a frequência da temática leitura, assim como sua abordagem teórica, na produção científica do campo informacional brasileiro, via nosso campo empírico, os ENANCIB. Nesse contexto percebemos a necessidade de maior embasamento teórico sobre a questão por parte dos pesquisadores, pois a temática ainda é tratada de forma superficial ou naturalizada. Quando traçamos um paralelo entre a leitura com o objetivo cultural e a considerada técnica ou documentária, pesquisada por Nunes (2014), podemos verificar resultados apontando no mesmo sentido, ou seja, são mínimos os números de trabalhos apresentados sobre a leitura e igualmente não trazem uma fundamentação teórica consistente.

Um aspecto interessante por nós observado em alguns textos foi a presença das redes afetivas que mantêm o mesmo teor semântico dos poderosos laços sociais mencionados em nossa Introdução, como por exemplo, no desenrolar do projeto Leitura de barraco, a palavra semente faz falar, em diversos recortes, um modo de estar na ordem da luta política. E a prática da leitura destaca-se como participante de ressignificações e de construção de redes afetivas capazes de gerar transformações.

Pensamos que essa seja uma aleia pela qual o caminhar seja profícuo. Não mais podemos deixar de enxergar ou silenciar os atores com quem e para quem

trabalhamos, quer seja na promoção da leitura, quer seja de maneira direta, olhando e ouvindo o usuário que se aproxima, ou doando um pouco mais de tempo, um pouco mais de cuidado para acrescentar mais um descritor, o quase apagado “ver também”. Sabemos que não há a ilusória neutralidade do profissional da informação, assim como para Paulo Freire não há neutralidade no educador. O profissional pode manter-se atuante ou passivo no trato com os documentos, com os sentidos, com os usuários, com a sua própria área e esfera de atuação.

O campo informacional é um espaço interessante para observarmos e explorarmos quanto à produção de conhecimentos. Há atores que têm sido “invisíveis” para a área da informação e, no entanto, mantêm relação com a leitura e com a informação. Citando alguns exemplos: qual seria o tipo de literatura lido pelas mulheres chefes de família? Haveria alguma forma de empoderamento ou lazer por meio desta leitura? Visto que as bibliotecas escolares e universitárias foram instituições presentes em nosso *corpus* analítico, como estão as práticas de leitura, sob a luz da Ciência da Informação, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental Regular, na Educação de Jovens e Adultos e na Universidade e também no Ensino à Distância? Quais são os meios pelos quais os profissionais da informação se estão atualizando profissionalmente? Quais são os programas de extensão universitária voltados para o desenvolvimento dos mediadores e o fomento das práticas de leitura?

Afinal, em que regime de informação o campo informacional poderá se colocar tais questões de forma não periférica? E, principalmente, buscar respondê-las de forma teoricamente embasada, desnaturalizando sentidos cristalizados?

7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Revelando tramas, descobrindo segredos...** Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, 2010.

ÁLVARES JUNIOR, Laffayette de Souza. **Infraestrutura de informação: classificações e padronizações como fatores de convergência em gestão de Ciência e Tecnologia.** 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado) – Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e Ciência da Informação.** 2003. Disponível em: <http://www.capurro.de/enancib_p.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador...** São Paulo: UNESP, c1977. 1. reimpr. 2009.

CORACINI, Maria José R. Faria. Concepções de leitura na (pós)-modernidade. In: LIMA, Regina Célia de C. Paschoal (Org.). **Leituras: múltiplos olhares.** São João da Boa Vista, SP: UNIFEOB, 2005.

COSTA, Icléa Thiesen M. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica.** 1997. 165 f. Tese (Doutorado) Ciência da Informação, Departamento de Escola de Comunicação e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CUNHA, Isabel M.R.F. Análise documentária. In: _____. **Do mito à análise documentária.** São Paulo: EDUSP, 1990. p.59-77.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam.** São Paulo: EDUSP, 1998.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Os múltiplos aspectos e interfaces da leitura. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação,** Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 2002.

_____. Leitura e cognição: possíveis entrelaçamentos. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO,** 7., 2006, Marília. Anais... Marília: UNESP, 2006.

FREIRE, Isa Maria, ALVARES, Lilian. 25 anos da ANCIB: relato sobre sua história e contribuição para a área da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação,** v.6, n.2, jul-dez. 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 22)

FREITAS, Lídia Silva de. Entre o público e o privado: trajetos temático-discursivos da área de informação. **Inf.& Soc.:Est.** João Pessoa, v. 14, n. 1, jan-jun. 2004.

FREITAS, Lídia Silva de. A teia dos sentidos: o discurso da ciência da informação sobre a atual condição da informação. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 2.

____. A memória polêmica da noção de sociedade da informação e sua relação com a área de informação. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 12, n. 2, 2002.

____. **Na teia dos sentidos**: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação. 2001. 245 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Departamento de Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FREITAS, Lídia Silva de et al. Questões em rede: trajetos temático-discursivos do campo informacional brasileiro e internacional – 1968-2009. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 13., 2012, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

FREITAS, Lidia Silva de; SALEK, Lídia M.C.Brandão. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC. **RELATÓRIO PARCIAL**. Niterói, RJ, 2015. 28 p.

FOSKETT, D. J. Ciência da Informação como disciplina emergente: implicações educacionais. In: GOMES, Hagar Espanha (Org.) **Ciência da Informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980. p. 53-69.

FERNANDES, Geni C. **Quatro visões no campo da ciência da informação**, 2006. Trabalho apresentado à banca avaliadora do concurso para Professor Adjunto 1 DE, do Departamento de Ciência da informação da Universidade Federal de Santa Catarina.

GOMES, Maria Yêda Falcão Soares de Filgueiras. Perspectivas da ciência da informação no Brasil: um estudo através das comunicações apresentadas no VI ENANCIB. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 8., 2007, Salvador. Anais... Salvador: UFBA, 2007.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**. João Pessoa, v. 22, n.3, p. 43-60, set./dez., 2012.

____. Metodologia da Pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em:<<http://www.dgz.org.br>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

____. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, Rio de Janeiro, v.5, n. 2, p. 7-31, 1999.

GUERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HJORLAND, Biger. Theory and meta theory of information science: a new interpretation. **Journal of Documentation**, v. 54, n. 5, p. 606-621, dec., 1998.

KOCH, IngedoreVilaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____, ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, Regina Célia de C. Paschoal (Org.). **Leitura**: múltiplos olhares. São João da Boa Vista, SP: UNIFEOB, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em Saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

_____. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012a

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2012b.

_____. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP. Editora da UNICAMP, 2007.

_____. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996. p. 205-215.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, EniPulcinelli (org.) et al. **Gestos de leitura**: da história no discurso. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 61-161.

PINHEIRO, Edna Gomes; DUMONT, Ligia Maria Moreira. Histórias de leitura de crianças e adolescentes em situação de risco: das práticas singulares à pluralidade do olhar da ciência da informação. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 14., 2013, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2013.

ROSA, Berta Jaqueline. **A Cultura na Ciência da Informação**: temáticas culturais na Pós-Graduação do campo informacional brasileiro- 1970-2012. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado) – Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

TAUILE, José R. Uma introdução à economia da informação. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 89-108, 1981.